



fato e razão

93

Março 2016

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira

Maria Inês e Gerson Pereira Pepe

Marisa e José Galdino Ulysses

Raimunda e Francisco de Assis Rocha

Albuquerque

Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Hélio Amorim

Arlete e João Borges

Itamar David Bonfatti

Jesuliana do Nascimento Ulysses

Maria do Carmo Freitas Schmitz

Marly e José Maurício Guedes

Rita e Luiz Carlos Torres Martins

Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos

Francione e Ricardo R. Werneck

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68

cep 36010-520 Juiz de Fora-MG

Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita

Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -

Juiz de Fora - MG

Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -

amarartesvisuais@gmail.com

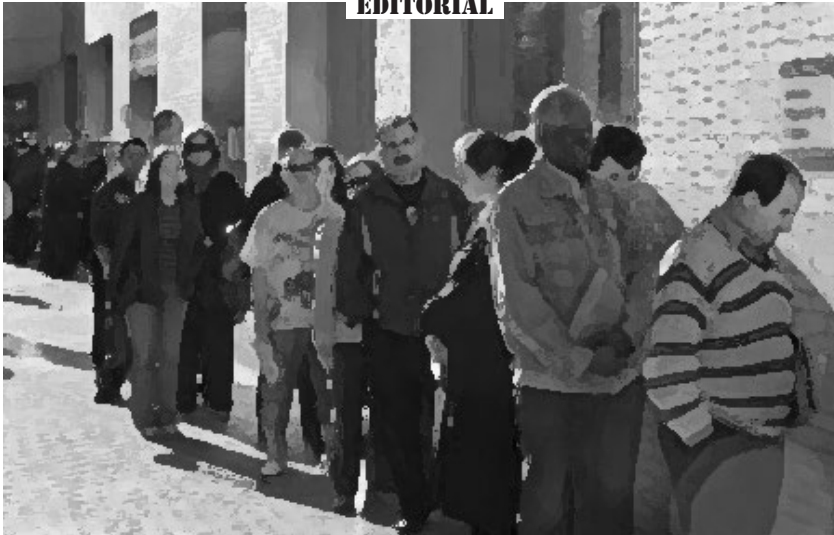
e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

Desastre anunciado	4
Helio Amorim	
A COP 21 pavimenta o caminho para o desastre	6
Leonardo Boff	
A flexibilização do mal	9
Paulo Câmara	
A psicopedagogia e o bullying escolar	11
Rejane, Claudia, Julio Cesar, Simone e Andrea	
Deus... Que Deus?	14
Laércio J. Bruni	
Diálogo entre dois anjos	18
Ecumenismo. A serviço da Unidade dos Cristãos.	21
Educar para a felicidade	23
Frei Betto	
Eppur si muove (*)	25
Oscar Vilhena Vieira	
Equilíbrio entre o divino e o humano	27
Heloísa Márcia Horta Barbosa	
Falando de Prosperidade	29
Rubens Carvalho	
Fé e vida andam juntas	31
Jorge Leão	
O poder da fraternidade	33
Laura Carvalho	
O que eu tenho a ver com isso	35
Daniela Arbex	
Olhe o outro	37
Rosely Sayão	
Os refugiados e a Igreja pós-ideológica	39
de Francisco	
Massimo Faggioli	
Por um Congresso com a cara do povo	42
Emir Sader	
S.O.S. imaginação	44
Rafaela Perensin	
Senhor Deus dos desgraçados	46
Rosiska Darcy de Oliveira	
Simbiose industrial	49
Edgard Xavier	
Programa Nacional de Formação à Distância	51
Guia da família peregrina e missionária	55



EDITORIAL



Desastre anunciado

Helio Amorim*

Em 2015 o Brasil perdeu um milhão e meio de empregos de carteira assinada. Desde 2000 o número de vagas crescia e registrou em 2010 e 2011 a criação de mais de dois milhões de empregos formais por ano. Ainda em 2014 o saldo foi positivo chegando a quase meio milhão de novos empregos.

A queda, portanto, foi brutal no ano passado como previsto com a implantação de uma política econômica suicida de inspiração neoliberal, adjetivo este já desmoralizado por fracassos semelhantes mundo afora. Os efeitos desse acidente no mercado de trabalho ainda não foram sentidos em toda a sua gravidade pelo amortecedor abençoado

representado pelo fundo de garantia (FGTS), que deveria ser preservado para o futuro do aposentado, quando já lhe faltará energia para manter o nível de segurança financeira numa velhice tranquila.

Neste início de ano que, como sempre, começou com calorosos votos de feliz ano novo, certamente esgotando-se o saldo da poupança, a felicidade desejada ficará duvidosa, mascarada essa aflição pelo reinado alegre do rei momo. Como esse rei só gera muito emprego até a quarta-feira de cinzas, estaremos entrando numa quaresma sofrida que pode se estender por todo o ano, mesmo com a expectativa das olimpíadas que agitarão o Rio de Janeiro, com uma coreografia vibrante geograficamente localizada.





Na verdade, se espera que essa agitação saudável transborde pelo país. Não deverá ser tão expressiva em vista das distâncias e custos de viagem, mas será possível a surpresa agradável de uma invasão nas praias cariocas.

Por outro prisma, vemos que ainda falta uma longa caminhada para a ascensão das classes mais pobres ao nível da chamada classe média. São 8,5% da população socorridos pelo Bolsa Família, e outras ajudas financeiras que apenas diminuem a gravidade da pobreza extrema. Falta assegurar o direito à educação pública de qualidade, e moradia digna para todos.

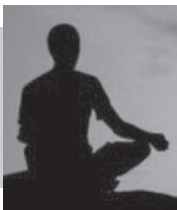
Há avanços significativos e multiplicam-se conjuntos habitacionais acessíveis aos mais pobres, na busca de erradicação progressiva de favelas e a garantia de vagas para todos nas escolas públicas, mas falta muito para alcançar essa meta humanizadora. Voltando ao processo reces-

sivo em curso, temos esperança de sua reversão com as mudanças necessárias e urgentes em sua gestão, exigindo coragem política para medidas nem sempre ortodoxas, assumindo-se os riscos correspondentes, mobilizando a população para que aceite a cumplicidade esperada. Por não se tratar de um fenômeno brasileiro, mas mundial, atingindo potências econômicas como a China, a Rússia, e muitos outros países em crise econômica mundo afora, como o Brasil e a Grécia, e em guerras como no Oriente médio, ou ainda e pior, o êxodo de mais de um milhão de africanos em fuga de seus países por terrorismo religioso, temos que ser mais tolerantes com nossas mazelas nacionais... mas sem acomodação ou alienação, é claro. Temos então que engrossar a voz das ruas.

**Helio Amorim é membro do
Movimento Familiar Cristão
e da Rede de Cristãos*

***A saúde é a felicidade do corpo, e a
felicidade é a saúde da alma***

Osho



***“A sabedoria interior só pode conseguir-se
no silêncio da mente e na devoção do coração.”***

O Escriba do Tao





A COP 21 pavimenta o caminho para o desastre



Leonardo Boff*

Adital

Tudo isso, as usual, deverá ser atingido sem atrapalhar o fluxo comercial e financeiro do mundo, decorrente do lema da “Convenção: transformando nosso mundo: a agenda 2030 para um desenvolvimento sustentável”.

Aqui reside o nó do problema. O desenvolvimento que predomina no mundo não é absolutamente sustentável, pois é sinônimo de puro crescimento material ilimitado dentro de um planeta limitado.

Este é conseguido mediante a desmesurada exploração dos bens e serviços naturais, mesmo que implique perversa desigualdade social, devastação de ecossistemas, erosão da biodiversidade, escassez de água potável, contaminação dos solos, dos alimentos e da atmosfera.

Depois de dezenas de anos de reflexão ecológica, parece que os negociadores e chefes de Estado não aprenderam nada. Eles simplesmente não pensam no destino comum. Só dão asas à fúria produtivista, mercantilista e consumista, pois esse é o mainstream globalizado. Ora, é esse tipo de desenvolvimento/crescimento que produz o caos da Terra e a depredação da natureza.

Os dados científicos mais sérios e recentes dão conta de que atingimos o Earth Overshoot Day (o dia da ultrapassagem da Terra), vale dizer, o dia em que a Terra perdeu sua biocapacidade de atender às demandas humanas. Se tomarmos como referência um ano, já em agosto ela teria gasto todo o seu estoque de suprimentos para o sistema-vida. Como ficaram os demais meses?





Sendo assim, tem sentido ainda em falar com propriedade em desenvolvimento sustentável para 2030? Se o bem-estar dos países ricos fosse universalizado- isso foi cientificamente calculado e está até nos manuais de ecologia – precisaríamos pelos menos de três Terras iguais à atual.

A COP 21 quer nos curar dando-nos o veneno que nos está matando. Não é sem razão e isso é vergonhoso e humilhante para qualquer pessoa que se preocupa com a natureza e a Mãe Terra. Já o dissemos no artigo anterior: em nenhum lugar, no documento final, aparece a palavra natureza e Terra.

Os representantes são reféns do paradigma científico do século XVI pelo qual a Terra não passava de uma coisa inerte e sem propósito, antes um baú com recursos colocados ao nosso bel-prazer, que a Magna Mater, mãe generosa que tudo nos dá do que precisamos para viver, não apenas para nós mas para toda a comunidade de vida.

De nada valerem as reflexões dos grandes nomes da ciência da vida e da Terra como, Prigogine, de Duve, Capra, Wilson, Maturana, Swimme, Lutzenberger, a Carta da Terra, tendo como antecessores Einstein, Heisenberg, Bohr, Schrödinger e especialmente Lovelock, sem esquecer a encíclica do Papa Francisco “Cuidando da Casa Comum”, entre tantos outros fundadores do novo paradigma.

No texto predomina a mais deslavada tecnocracia (ditadura da tecnologia e da ciência), tão duramente criticada pelo Papa em sua encíclica, como se somente através dela nos viriam as soluções messiânicas para a adaptação e a mitigação dos climas.

Não há nenhum sentido de ética e de chamados a valores não materiais, de respeito e de cuidado por tudo o que existe e vive ou sentido de responsabilidade comum pelo futuro da Terra e de nossa civilização. Tudo gira ao redor da produção e do desenvolvimento/crescimento, num crasso materialismo.

Segundo o novo paradigma, baseado numa visão da cosmogênese qual já dura há pelo menos 13,7 bilhões de anos, vemos todos os seres inter-retro-relacionados, cada um com valor intrínseco mas aberto a conexões em todas as direções, formando ordens cada vez mais altas e complexas, até permitirem a emergência da vida e da vida humana inteligente e portadora de criatividade.

Concordo com o maior especialista no ramo do aquecimento global, o professor da Universidade de Columbia e antes da NASA, James Hansen (cfr. no The Guardian de 14/12/2015) que é ilusório pedir às petroleiras que deixem debaixo do solo o petróleo, gás e carvão, energias fósseis, emissoras de CO2 e substituí-las por renováveis. Todas as energias renováveis juntas nem chegam a 30% daquilo que precisamos.





As metas da COP21 são totalmente irrealistas, porque as energias fósseis são mais baratas e vão continuar queimando, especialmente se for mantida a economia de acumulação com as consequências ecológicas e sociais que acarreta.

Mas haveria uma chance: se quisermos, realmente, estabilizar o clima entre 1,5°-2°C, o que seria ainda administrável, dever-se-ia trocar de paradigma: passar de uma sociedade industrialista/consumista para uma sociedade de sustentação de toda vida, orientada pelo biorregionalismo e não pelo globalismo uniformizador. A centralidade seria conferida mais à vida em sua diversidade e não ao desenvolvimento. Este se faria dentro das capacidades de cada biorregião, articulando todas as dimen-

sões da vida, materiais, culturais e espirituais.

A produção se faria nos ritmos da natureza, no respeito aos direitos da Mãe Terra e da diversidade das culturas humanas. Por aí se inauguraria uma alternativa ao estilo atual de habitar a Casa Comum.

Aqui nos inspiram mais a Carta da Terra e o Papa Francisco em sua encíclica “Cuidando da Casa Comum” que os arrazoados tecnocráticos da COP21. A seguir a lógica da COP21, estaremos pavimentando o caminho que nos conduzirá ao desastre.

Leonardo Boff é ecoteólogo, escritor, articulista da Adital e do JB online.

Escreveu Opção Terra- a solução para a Terra não cai do céu, Record, Rio 2009.

“A diferença entre o possível e o impossível está na vontade humana.”

Louis Pasteur



“A maneira de ajudar os outros é provar-lhes que eles são capazes de pensar.”

Dom Hélder Câmara





A FLEXIBILIZAÇÃO



Paulo Câmara*

A tentativa de mudar o Estatuto do Desarmamento, atualmente em debate no Congresso Nacional, pode representar o maior retrocesso da história política recente do Brasil. O projeto de lei 3.722/2012 é recheado de verdadeiras barbaridades que não combinam em nada com a cultura de paz que desejamos estabelecer no nosso país.

transformar o Estatuto do Desarmamento numa verdadeira Lei de Incentivo ao Porte de Armas. Trata-se de uma aberração, disfarçada de “desburocratização”. É inaceitável.

Falar em mudança no Estatuto do Desarmamento é querer impor uma cultura da violência, de resolver qualquer questão na base do tiro.

A proposta em questão traz ideias absurdas, como reduzir a idade mínima para comprar armas de fogo, dos 25 para os 21 anos; liberar a publicidade; ampliar a validade do porte de três para dez anos; ampliar para nove armas e 600 munições para cada uma a aquisição por ano (hoje o limite é de cinco armas e 50 munições). Chega ao cúmulo de autorizar pessoas que respondam inquérito ou processo a ter e portar armas.

Qualquer pessoa de bom senso que leia esse conjunto de proposições conclui que o projeto pretende

Os dados positivos sobre o Estatuto do Desarmamento são públicos e conhecidos, mas precisam ser repetidos sempre: entre 2003 (ano da aprovação da nova legislação) e 2012, cerca de 120 mil mortes por armas de fogo foram evitadas; o aumento médio do número de homicídios por armas de fogo caiu de 8,36% ao ano para 0,53% ao ano; de 1980 até 2003, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes cresceu de 11,7 para 28,9 e caiu após a implantação do estatuto.

Andar armado não significa estar seguro. Diariamente, vemos exemplos bárbaros comprovando o contrário, casos nos quais a existência de uma arma de fogo causou mortes, seja por acidente ou por uma briga de motivação banal.





Outro efeito imediato das mudanças propostas para a lei será abastecer os criminosos e não os “cidadãos de bem”, como querem fazer acreditar aqueles que pretendem destruir o Estatuto do Desarmamento. E por quê? Porque pesquisas recentes comprovam que a maioria das armas apreendidas no país atualmente é de fabricação nacional.

Restringir a venda de armas é o melhor caminho para impedir que essa tendência se amplie. É comprovado que o desarmamento é um instrumento fundamental no combate à violência e à criminalidade.

Por todas essas razões, o governo do Estado de Pernambuco resolveu promover o Ato Contra a Flexibilização do Desarmamento. Em Pernambuco, sob a liderança e a inspiração do então governador

Eduardo Campos, construímos, dia a dia, uma das mais bem-sucedidas políticas de enfrentamento da questão da violência e da segurança pública do país, por meio do programa Pacto pela Vida.

As pessoas engajadas na construção de um Brasil civilizado, desenvolvido social e economicamente, têm a obrigação cívica de se mobilizar contra esse retrocesso sem tamanho. Esse encontro é mais um exemplo do espírito de vanguarda dos pernambucanos, que sempre estiveram sintonizados com os ideais progressistas, com as bandeiras baseadas na Justiça e nos princípios democráticos e republicanos.

PAULO CÂMARA é governador
de Pernambuco e vice-presidente
nacional do PSB
Transcrito da Folha de São Paulo

“A escuridão não pode expulsar a escuridão, apenas a luz pode fazer isso. O ódio não pode expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso.”

Martin Luther King Jr.



“A luz se levanta para o justo, e a alegria para os corações retos.”

Salmo 97, 11





A psicopedagogia e o bullying escolar

*Rejane, Claudia, Julio Cesar,
Simone e Andrea*

Os afetos determinam a relação entre percepção e cognição, e servem para explicar comportamentos e acontecimentos psicológicos. Natural, então, que o objeto de aprendizagem deixe de ser objeto de desejo e passe a ser considerado objeto de repulsa, acarretando, portanto, o não-aprender.

Evidente, então, que o processo educacional se torne comprometido, visto que o aluno, desmotivado, passa a não mais ter interesse em frequentar a escola. A partir de então, passa a inventar qualquer motivo para faltar às aulas, não se preocupa em realizar as tarefas, não presta atenção às explicações, não se socializa, enfim, não desenvolve um envolvimento emocional saudável com o ambiente escolar.

Em consequência, o aprendiz tende à retenção de série, troca de escola e, até mesmo, evasão escolar. O ambiente escolar, conseqüentemente, torna-se inadequado à vítima, uma vez que os colegas, que deveriam estar enquadrados em um nível de amadurecimento e de comportamento similares, passam a ser considerados como agressores ou impotentes; o agressor, propriamente dito, amedronta-lhe, de modo a fazê-la perder qualquer motivação relacionada ao estudo (ou a si mesma), além de tender a ter o seu próprio processo educacional abalado; as testemunhas passam a ser vistas como rivais e desinteressadas na resolução do problema, além de também poderem estar comprometidas educacionalmente; a família e a escola, por sua vez, quando desconhecem o fato, igualmente não se tornam contribuinte ao fim do sofrimento e, quando cientes da





situação, seja por ignorância ou displicência, frequentemente ignoram-na, considerando tratar-se de comportamentos comuns à idade e sem importância.

A vítima, conseqüentemente, tende a se excluir de todos os envolvidos e a manter-se em um completo isolamento, por considerar-se sozinha, abandonada e incompreendida. Como, muitas vezes, não pode dispensar a escola, sozinha em seu sofrimento, acaba forçando uma motivação para frequentar aquele espaço, sem, obviamente, aproveitar devidamente as ofertas educacionais, gerando as falhas no seu processo de aprendizagem.

A superação dos traumas causados pelo fenômeno poderá ou não ocorrer, dependendo das características individuais de cada vítima, bem como o da sua habilidade de se relacionar consigo mesma, com o meio social e, sobretudo, com a sua família. Portanto, não sobram dúvidas de que o fenômeno bullying é capaz de acarretar prejuízo na aprendizagem daqueles que nele estão envolvidos. Entretanto, como não apenas o campo do conhecimento torna-se comprometido, é necessário que outros profissionais intervenham, além do psicopedagogo, a fim de resgatar os demais desejos perdidos do sujeito.

CONCLUSÃO

O fenômeno bullying é capaz de desenvolver sérios comprometimentos ao processo de aprendizagem, visto que desenvolve, na ins-

tituição educacional, um ambiente nocivo não somente às vítimas, mas a todos, direta ou indiretamente, envolvidos. Seus efeitos são capazes de efetivamente desarmonizar as dimensões cognitiva, corporal, simbólica e orgânica, acarretando um conflito entre as questões internas e externas ao sujeito.

Os estragos emocionais, sociais e psicológicos graves gerados têm força suficiente para impedir que o sujeito tenha um envolvimento saudável e propício com o objeto de conhecimento. Embora seja evidentemente estudo da psicopedagogia, o bullying deve receber também devida importância de todos os profissionais que atendem à criança, tais como psicopedagogo, psicólogo, pedagogo, psicanalista, dentre outros, todos com o objetivo de fortalecer a estrutura emocional do sujeito e possibilitar que suas relações inter e intrapessoais sejam bem (re)estruturadas. Ademais, a escola e a família, como contribuintes do surgimento e desenvolvimento do bullying, por sua forma de atuação, também devem ser responsáveis pela sua prevenção e pelo seu fim, o que demanda conscientização efetiva do seu papel no processo da estruturação do sujeito. Portanto, trata-se de um trabalho de combate em equipe, em que cada um deve oferecer uma contribuição eficaz.

Evidente que não se trata de algo fácil, não somente, e principalmente, por se tratar de seres humanos - fato que atinge a indivi-





dualidade, estruturas familiar, social, educacional arraigadas, etc. - mas porque o próprio fenômeno começou a ser estudado cientificamente há pouco tempo.

Ainda há muito a ser explorado, elaborado, simbolizado sobre o bullying, a começar pela própria questão nominal, a qual, no Brasil, continua sem tradução do inglês. Qual seria o motivo para que não haja uma palavra ou um termo equi-

valente em português? Dessa forma, concluímos este artigo deixando-o em aberto, como demonstração explícita de que a realidade da referida violência merece receber continuado estudo.

Rejane, Claudia, Julio Cesar, Simone e Andrea, equipe de Psicopedagogia do Instituto da Família - INFA Itanhangá-RJ

Transcrito do Correio INFA

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.
Assinatura anual: **R\$ 30,00**

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

**Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas**

**Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**



DEUS... QUE DEUS?

"A verdadeira dificuldade não está em aceitar ideias novas, mas escapar das antigas."

J. M. Keynes, economista +1946

"Pensar faz a grandeza do homem."

B. Pascal, filósofo e matemático + 1622

"Duvidar me agrada tanto quanto saber"

D. Alighieri, poeta italiano +1321

"Fé é a habilidade de não entrar em pânico"
autor desconhecido

Laércio J. Bruni*

Friedrich Nietzsche proclamou a morte de Deus. Sempre me perguntei sobre as razões desta sua afirmativa, sendo ele um grande intelectual. Transcrevo palavras do filósofo, lidas não me lembro onde, segundo as quais "a morte de Deus foi a sua forma de se referir à agonia da civilização ocidental", visando principalmente a noção fantasiosa, antropomórfica, de Deus na prática do cristianismo vigente. "Em Nietzsche, essa proclamação tinha caráter ético pois, a menos que esse deus (antropomórfico, ao meu alcance para fazer milagres por causa de minhas orações de petição) a menos que esse deus morra, o homem não terá condições de reconstruir a civilização sobre novas bases".

A pergunta que se impõe diante de tal ideia é a seguinte: afinal,

quem ou o que seria Deus verdadeiramente? Quem seria esse deus de quem, ou de quem, não se quer nem pensar, conforme testemunho de uma grande atriz, ou o Deus de Dostoiévski "que o perseguiu" continuamente e desde sempre?

Confesso que, por força de estudos, a ideia de Deus também sempre me perseguiu. Apelar para o mistério é sempre a escapatória dos teólogos. Mas mistérios nós encontramos em maior número fora da religião, sempre que tentamos entender o universo. O mistério, o desconhecido, o impenetrável à inteligência humana é mais vasto, é mais profundo do que nos é dado saber.

Fabíola Gianotti, a física italiana que está à frente do LHC, o maior acelerador de partículas do mundo, em entrevista à revista Veja (10 de abril de 2013) nos assegura que





“falta explicar 95% do universo”. E não precisa percorrer grandes distâncias no universo para aceitar esta verdade. Podemos começar com a nossa própria pessoa, com a infinidade de nossas perguntas que ficam sem respostas.

Eu sou um desafio para meu autoconhecimento, aspiração maior da filosofia socrática: “conhece-te a ti mesmo”, frase esculpida no portal do templo de Delfos. Tudo isto, porém, não nos impede de acharmos que temos vasto conhecimento de nós mesmos, não só, mas também do universo em que vivemos. Cremos também, “modestamente”, que podemos penetrar, dissecar, conhecer o âmbito do sobrenatural.

Dias atrás recebi uma mensagem que trazia um monte de perguntas sobre o tema. O missivista me mandava a razão de tantas perguntas e tantas dúvidas. Tratava-se do conhecido “paradoxo de Epicuro”, que aqui transcrevo com minhas palavras:

Enquanto benevolente, onisciente e onipotente, Deus tem conhecimento de todo o mal e pode acabar com ele. Já que não o faz só pode ser em razão de não ser benevolente, ou onisciente ou onipotente.

Que dizer a respeito? Não se trata de paradoxo. A presença simultânea dos três predicados atribuídos a Deus inviabilizaria a existência do mesmo. Não se trata de paradoxo, ou seja, de falta de nexos ou lógica. Como ele se apresenta, o argumen-

to de Epicuro é válido e não contraria os princípios que orientam o raciocínio humano. Em sua veracidade, ele é a negação da existência de Deus. Que dizer?

Se os atributos e predicados divinos apontados por Epicuro fossem reais, isto é, se Deus fosse onisciente, onipotente e benevolente, não haveria paradoxo e a negação da existência de Deus seria impositiva ou, ao menos, seríamos uns basbaques, uns simplórios, impossibilitados logicamente de tê-lo como Ser Supremo.

O paradoxo proposto por Epicuro não tem fundamento. Os atributos divinos, sua base para a negação de Deus, não correspondem à realidade de Deus. Foram atribuídos a Deus por homens que sempre tentaram satisfazer a curiosidade de desvendar a realidade divina e que se arraigaram em nossa mente. Pensava-se que esses atributos correspondiam à realidade divina. Tais conceitos são antiquíssimos, se encontram repetidamente na Bíblia, antiquíssimos e bíblicos mas também superados. O nosso Deus não é um deus onisciente, benevolente e onipotente, santíssimo, sentado no seu trono majestoso, num mundo - o céu - completamente diferente de nosso mundo que é a Terra.

Ao nos referirmos a Deus com todo nosso palavrorio, nós o rebaixamos. A intenção pode ser boa, mas não corresponde à realidade porque, ao pensar Deus, o homem





está sempre falando do inconcebível, está falando daquele que supera todo e qualquer conceito. Deus não se confunde em nada com o nosso universo e conceitos antropomórficos são usados em razão de nossa ignorância.

Em nosso monoteísmo cristão, Deus é sempre maior e transborda de todo nosso aparato conceitual. Há sempre perigo na linguagem figurada, à qual não nos é dado fugir. Dai a necessidade de muito cuidado ao pensarmos e, principalmente, ao externarmos nossas ideias a respeito de Deus. Ele é indizível, inconcebível e inefável em sua realidade. Segundo a boa teologia, sobretudo na teologia do místico, tudo o que se afirma de Deus deve ser simultaneamente negado. Sua transcendência é infinita e inescrutável. Nossa mente é absolutamente incapaz de agarrar a grandeza do que denominamos Deus.. Nossas palavras, ao falarmos dele, nada são além de dados que apon-tam para alguém ou algo totalmente, infinitamente, distintos.

Santo Agostinho escreveu que “por mais altos que sejam os voos de pensamento, Deus está ainda mais além. Se compreendeste não foi Deus que compreendeste, mas apenas uma representação de Deus. Se quase pudeste compreender, então foste enganado pela tua reflexão.” Santo Tomás de Aquino, doutor da Igreja por suas obras teológicas, escreveu: “De Deus tanto mais sabemos quanto mais nos dermos conta de que não sabemos”.

Não vem ao caso analisar textos bíblicos referentes à chamada “visão beatífica”. Trata-se de textos contraditórios, que dão muito trabalho aos exegetas. Deixando de lado o A.T. e ficando somente com Paulo e João, vemos textos contraditórios e inconciliáveis. Quanto a Paulo, vamos nos restringir a dois textos: “Deus mora numa luz inacessível, a quem nenhum ser humano viu, nem pode ver”(I Tim 6,16).

Na primeira carta aos Coríntios (13, 12) ele escreve: “Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então o veremos face a face. Hoje conheço em parte, mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido”. João, em sua carta (I Jo, 3,2) afirma que “desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que haveremos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é”. Na mesma epístola (4,12) a afirmação categórica é outra: “Ninguém jamais viu a Deus”.

Que dizer de tais textos? Uma visão física é facilmente excluída. Há os que tentam explicar que não só não se trata de visão ocular, mas sim de conhecimento (gnosis) compatível com a capacidade humana, certamente aperfeiçoada por uma transformação para melhor. Tratar-se-ia de uma “sobrelevação” da inteligência humana. Como diria um italiano: “se non è vero, è bem trovato”.

O que há de certo é que todos os





atributos que pespegamos em Deus não chegam a ser realidades divinas, razão pela qual o paradoxo de Epicuro não tem consistência nem fundamento. Que cada um de nós se pergunte e procure responder o que vem a ser onisciência e onipotência. Tais atributos são tentativas humanas para colocar Deus um pouquinho acima de suas criaturas...

Na realidade, o esforço de “enfeitar” Deus com tantos predicados é vã tentativa. Ele não ocupa um lugar físico e não se encontra em nenhuma das dimensões que se conhecem. O céu que se deve esperar não é um lugar extraterrestre, nem a vida eterna é vida fora de nosso universo. Este mundo já é o caminho que deve nos conduzir a Deus, à Vida.

Não há outro. Cremos e esperamos um mundo futuro e melhor quando levamos a sério esta nossa vida, aqui e agora, quando construímos o presente, começando pela aceitação desta nossa humanidade com tudo o que ela tem de bom e de ruim; quando nos colocamos a serviço do próximo; quando questionamos e combatemos a ambição e a exploração, a falta de solidariedade, a prepotência e a injustiça, buscando melhoria de vida para todos. Reconhecemos que não é tarefa fácil.

Deus que, pela explanação acima, nos parece inatingível é amor e nos manifestou seu amor ao nos criar e, principalmente, em nos ter proporcionado a graça de Cristo Jesus, que nos encarregou de mostrar

com palavras e sua vida, o modelo que nos deixou: sua humanidade profunda, sua personalidade sensível, seu olhar misericordioso, sua disposição de servir com liberdade e solidariedade e a coerência entre o que pregamos e anunciamos com a nossa prática. E isto precisa ser ensinado às crianças na catequese, que deveria consistir não em ensinar o sinal da cruz e orações tradicionais.

O que deveria ser o primeiro passo é suscitar e aumentar nossa capacidade de admiração e agradecimento e, a seguir, o respeito e a reverência aos seres humanos. Deveríamos abandonar falsos sobrenaturalismos e viver intensamente a presente vida, chamados que somos para uma fé dinâmica e transformadora, assim como o processo evolutivo do universo não ocorreu por acaso mas a partir do que os cientistas chamam “o princípio antrópico”, noção criada em 1961 pelo físico americano Robert Dicke, para exprimir a finalidade da evolução, processo determinante do surgimento do homem neste planeta.

É neste planeta que começamos e perfazemos a nossa caminhada em direção a Deus. Enchi-me de admiração pela intuição do grande poeta Mário Quintana que sabiamente escreveu: “Tudo o que acontece é natural - inclusive o sobrenatural.

L.J.B. – Rio de Janeiro, outubro de 2015

*Laércio J. Bruni é Coordenador
do MFC do Rio de Janeiro*





Diálogo entre dois anjos

- Oi mãe !!!!

- Oi filha!!!

- Mãe, estamos em um lugar diferente, eu não conhecia e nem nunca ouvi falar.

- Minha filha, nós transcendemos etapas de nossas vidas, estamos em outra dimensão.

- Mãe o que é dimensão?

- Dimensão minha filha é uma extensão em qualquer sentido, uma grandeza de sentido importante.

- Mas todas as coisas não são importantes?

- Sim minha filha, mas elas são dimensionadas, ou seja, de acordo com a importância, com a extensão as coisas recebem dimensões diferentes.

- Então mãe nós crescemos, ficamos importantes e mudamos de dimensão?

- Sim, ficamos tão importantes que o Senhor da Vida mandou você para me buscar, me trazendo daquela dimensão egoísta, intimista, puramente material e você cumpriu sua tarefa e me trouxe junto com você.

- Mas, e esse tal de Senhor da Vida, Ele é tão poderoso assim?

- Filha, quando eu lhe falei sobre dimensão, deixei de lhe explicar dois estágios: 1- a dimensão material e 2- a dimensão ESPIRITUAL. A dimensão material você conviveu com ela por um período de 6 anos. Deu para você entender?

- Sim mãe, é aquela dimensão onde os homens não se entendem, se matam, não acolhem os famintos, não socorrem os doentes e outras





maldades mais. E a dimensão ESPIRITUAL como ela é?

- Ela é bem diferente da outra dimensão. Nela existem normas que nos dão alegria, prazer, todos são plenamente felizes, são iguais, ninguém tem mais que o outro, são fraternos e solidários, não existe nada material para vender ou comprar, não existe corrupção e muito menos maldade, não há guerra, todos se amam.

- Entendi mãe, mas uma coisa estou achando difícil de entender.

- O que é minha filha?

- Na dimensão material existem pessoas que mandam, que dão ordens, etc., e as coisas não andam bem, são chamados administradores do bem público e na maioria das vezes desonestos. Agora eu pergunto à senhora: Como é que na dimensão que estamos, a chamada DIMENSÃO ESPIRITUAL tudo é paz, tudo é amor, todos somos iguais. Quem administra isto tudo?

- Quem administra tudo é aquele SENHOR DA VIDA que lhe falei um pouco sobre ele.

- Mas ele tem nome?

- Sim minha filha o nome dele é DEUS.

- Entendi mãe, sei agora em que dimensão estamos.

- Mãe posso fazer uma outra pergunta?

- Sim minha filha quantas você quiser.

- Mas a senhora tem tempo?

- Sim minha filha. Na dimensão em que estamos, o tempo é muito diferente da dimensão material, aqui o tempo se chama ETERNIDADE. Mas qual é a pergunta minha filha?

- E o papai por que ele não veio com a gente?

- Segundo o Senhor da Vida, que você já está conhecendo mais profundamente, seu pai ainda tem muita coisa para construir no mundo onde ele está. O seu pai é um lutador pela implantação da justiça, na defesa dos injustiçados, luta para que todos tenham direito à dignidade, que todos e todas se tomem cidadãos e cidadãs para a implantação de uma sociedade igualitária.

- Então ele tem muita coisa para fazer... né mãe???

- Sim filha muita coisa por fazer, por isso ele vai demorar um pouco para chegar aqui. Ai sim, teremos a vida plena e eterna.

- Ele ama muito nós duas não é mãe?

- Sim, tenho provas disso.

- A senhora lembra a mensagem que ele escreveu no dia do seu aniversário? Eu não esqueci.





- Sim minha filha eu me lembro. Ele me encheu de elogios dizendo: Hoje é dia dela. Companheira, educadora, cuidadora, protetora. Ele disse também que ele e você são muito felizes por me ter sempre os acompanhando, educando, cuidando, protegendo. E terminou dizendo que me ama muito. Não foi assim minha filha?

- Foi mamãe. Mamãe!

- Oi filha.

- Nós vamos cuidar dele daqui de onde estamos?

- Sim minha filha seremos sempre duas estrelas iluminando os caminhos dele, o crescimento dele, os

estudos dele. Que ele esteja em PAZ assim como nós.

Me desculpem por ter entrado na conversa de vocês duas. Mas o meu amor por vocês é meio “enxerido” e gosta de escutar um “bom papo”. Vovô promete guardar segredo e partilhar somente com quem tem amor por vocês.

Bia e Isis, com o carinho e a saudade do vovô Luiz Carlos e da vovó Rita.

N.E. – A transcrição do texto é a demonstração da nossa solidariedade à família do companheiro Luiz Carlos, componente de nosso Conselho Editorial, face ao trágico acidente que ceifou as vidas de sua nora e neta.

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.





ECUMENISMO.

A serviço da Unidade dos Cristãos.

Estamos vivendo num mundo dividido. Não só por fronteiras geográficas. Não só na Política. Também na Religião. Até na Igreja. As divisões entre cristãos chegaram ao ponto que parece irreversível. Aumentaram tanto que quase não ficou esperança de ver surgir alguma mudança que possa promover a união de todos os cristãos em uma só Igreja. Temos um Ecumenismo professado por muitos e vivido por poucos.

Os descendentes da Reforma Protestante ficam divididos cada vez mais em novas igrejaíhas inventadas pelos homens. A Igreja Católica, se quiser promover a unidade dos cristãos, precisa primeiro cuidar da unidade na Igreja, entre todos os católicos. Unidade na fé e nas estruturas, nas comunidades e organizações.

Ecumenismo na Teologia não pode ser uma biblioteca de teorias e posições sobre coisas de Bíblia e Cristianismo, ou de Religiões (um



Macroecumenismo). Nem um amontoado de teorias e livros de todas as tendências. Nem a média aritmética das opiniões e teorias e posições. O que podemos é tentar achar o máximo denominador comum entre todas as doutrinas das igrejas e denominações.

Precisamos de um Ecumenismo maior para reconstruir a unidade das igrejas. Para promover a união das igrejas, precisamos primeiro cuidar da unidade na Igreja.

Muitas seitas vivem dos defeitos da Igreja. Pode ser que tenham sua missão especial em não deixar o povo católico sentado tranquilo no seu monopólio da fé cristã. Para todos poder conhecer e guardar verdades e preceitos menos lembradas em Roma.

Os que se separaram de nós, continuam sendo nossos irmãos. Só deixariam de ser nossos irmãos, se deixassem de dizer: PAI NOSSO. (Santo Agostinho)





ENTUSIASMO = BEGEISTE-
RUNG (en theou) Eine Predigt muss
beeistert sein, so wie jeder Christ.
Um Pregador precisa de Entusias-
mo, assim com todo Cristão.

ORAÇÃO CARISMÁTICA: Orar
ligado ao Espírito Santo, atento à sua
inspiração.

ELEIÇÕES: Não é Missão da
Igreja tentar impedir a venda de
votos. Isso é tarefa dos Partidos,
da Justiça, do Governo, da Polícia.
Mas a Igreja pode e deve ajudar a
combater a compra de votos. Não
com Repressão, mas com Educação
e Formação.

Problemas de ECONOMIA e
POLÍTICA, INFLAÇÃO e RECES-
SÃO, JUROS e DÍVIDAS:

Uma opinião pessoal: A Política
do Governo e dos Políticos estava
concentrada demais no combate à in-
flação. Em vez de colocar em primeiro
lugar as preocupações com a inflação,
o Brasil e o Mundo deveriam priorizar
o Desenvolvimento para todos.

Com Responsabilidade pela Eco-
logia de um Futuro com Viabilidade
e Sustentabilidade.

+ Cristiano, Bispo aposentado,
mas não apagado.

Dificuldade dos pais na transmissão da fé

A frustração dos pais cristãos acontece porque o que se transmite como
se fora a fé, além da inadequação da linguagem, nada mais é que um con-
junto de obrigações e prescrições sobre algumas práticas religiosas e com-
portamentos morais. Passa-se, com frequência uma visão deformada do
Deus da Bíblia, Deus severo e vigilante, que toma conta dos nossos atos e
nos castigará por nossas faltas.

Mas também benevolente, que premiará a obediência aos pais (funcio-
nando muito convenientemente como auxiliados pais na educação dos fi-
lhos...). Ou um Deus provedor, quebra-galhos, que resolverá magicamente
todos os nossos problemas.

A essência da fé cristã, então, por esse despreparo dos pais, não é revelada
aos filhos. Trata-se de compreender que essa essência quase sempre obscu-
recida é o assumir, pelo batismo e sua confirmação, a responsabilidade de
empenhar-se na edificação do Reino de Deus, na história humana. Isto se faz
através das práticas concretas de promoção da justiça e do amor, da solida-
riedade e da partilha, do respeito absoluto à dignidade da pessoa humana, da
superação de toda exclusão e discriminação social. E através da construção
de uma sociedade fraterna e igualitária que prefigure, aqui e agora, a vida
eterna prometida: “Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu ”

(De “Descomplicando a fé ” (Paulus Editora)





Educar para a felicidade

Frei Betto

Adital

O que as pessoas mais buscam na vida? O velho Aristóteles foi o primeiro a dar a resposta: a felicidade, mesmo ao praticarem o mal.

A busca da felicidade nasce do desejo, e o desejo deveria estar canalizado para o Absoluto. Mas a cultura consumista que respiramos nos induz a canalizá-lo para o absurdo, e não para o Absoluto. Impinge-nos a falsa ideia de que a felicidade resulta da soma de prazeres - se tomar esta bebida, vestir esta roupa, usar este perfume, possuir este carro, fazer esta viagem, seremos felizes como atores e atrizes da peça publicitária, que exalam exuberante felicidade...

Graças a Deus o mercado não consegue oferecer um produto chamado felicidade. E é impossível

saciar o desejo estimulado pela publicidade, e ainda que pudéssemos comprar todas aquelas ofertas, não seríamos necessariamente felizes. Isso gera enorme buraco no coração. E onde parcela da juventude tenta preencher esse buraco? Na droga.

A droga é a consequência óbvia de uma sociedade que mercantilizou a felicidade, e incute nas pessoas a falsa ideia de que ela reside na posse de bens materiais e em situações que exaltam a individualidade, como fama, beleza, poder e riqueza. Quem não alcançar tais ícones, será o mais infeliz ou desgraçado dos mortais. A felicidade é um estado de espírito. Não costumamos ser educados para alcançar esse estado de espírito, e sim para ser consumistas. São dois seres antagônicos, conflitantes.





Onde, então, encontrar a felicidade? Nos aditivos químicos? Dão, momentaneamente, bem-estar de consciência. Embora não seja durável, é melhor do que se deparar no espelho com esse ser execrável, incapaz de ser feliz, de estabelecer relações com pessoas, natureza, Deus e consigo mesmo.

Ora, a escola tem que colocar, como finalidade, formar pessoas felizes, e não mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Cabe à escola interagir com o contexto em que vivemos.

Uma grande empresa multinacional, de auditoria financeira, abriu em São Paulo 20 vagas para economistas com menos de 35 anos de idade. Apareceram 200 candidatos. Houve uma primeira seleção; sobraram 100. Ao entrar na sala, às 8h da manhã, o instrutor disse: “Bem-vin-

dos vocês que passaram na primeira seleção, vamos agora à segunda. Antes de iniciarmos os testes, por favor, fiquem de pé todos aqueles que, hoje de manhã, não viram, ouviram ou leram noticiário no rádio, na TV, nos jornais ou na internet”.

Mais da metade ficou de pé. “Muito obrigado. Os senhores e as senhoras podem ir embora”, disse o instrutor. “Mas por quê?”, reagiram alguns. “Não interessa à nossa empresa profissionais indiferentes ao que ocorre no Brasil e no mundo, desconectados da realidade”.

O papel da educação é conectar educandos e educadores com a realidade, e imprimir às suas vidas o sentido de transformá-las para criar as bases da civilização do amor e da justiça.

Frei Betto é escritor, autor de “Alfabeto - Autobiografia Escolar”

“A meditação, a oração e a atenção plena para com tudo o que existe são maneiras pelas quais abrimos os olhos do coração a fim de perceber com clareza quando a noite escura do espírito nos tolda a visão.”

Joan Borysenko



“A penicilina cura os homens, mas é o vinho que os torna felizes.”

Alexander Fleming





EPPUR SI MUOVE^(*)

Oscar Vilhena Vieira**



O cinismo, a corrupção, o escárnio e as iniquidades não subjugarão a lei: “o crime não vencerá a Justiça”. Esse o resumo do voto proferido pela ministra Cármen Lúcia, da bancada do Supremo, por ocasião da prisão do senador Delcídio do Amaral.

Já o senador Jader Barbalho, do outro lado da Praça dos Três Poderes, bradou que ceder ao voto aberto seria passar um “atestado de minoridade política” aos membros do parlamento, pois a publicidade lhes restringiria a independência! Como se uma vez conferido o mandato ao parlamentar esse lhe pertencesse, como coisa privada, para seu proveito. Não devendo, portanto, satisfação a ninguém. Nem mesmo aos cidadãos.

Esses discursos retoricamente carregados constituem uma representação viva de um confronto cada vez mais agudo entre duas concepções concorrentes em torno

da natureza das instituições políticas brasileiras.

De um lado, persiste uma visão patrimonialista, que entende as instituições como uma esfera de poder, dotada de vastos recursos, a ser capturada e ordenada em benefício dos governantes de ocasião e daqueles que os apoiaram no processo de competição política.

De outro lado, se fortalece uma perspectiva mais republicana, que toma as instituições como uma construção voltada a solucionar os principais problemas de coordenação de interesses conflitantes dentro de uma sociedade pluralista. Para essa concepção, as instituições não devem apenas ser inclusivas, para responder aos interesses dos diversos setores da sociedade, mas também imparciais e rigorosas no respeito e na aplicação da lei.

Esse confronto não é novo, e por mais que tenha cores partidá-





rias aparentes, é mais profundo. Por muito tempo, no entanto, a vitória de uma visão patrimonialista das instituições brasileiras não sofreu sérios desafios. Antes o contrário. Foi fortalecida pelo atendimento dos interesses corporativistas, dentro e fora do Estado. Esse patrimonialismo institucional também contribuiu, em muito, para fomentar um capitalismo preguiçoso e pouco competitivo, cultivado à base de privilégios, exonerações fiscais, juros subsidiados ou simplesmente contratos fraudulentos.

Não é por outro motivo que nos tornamos uma das sociedades mais desiguais do planeta. Nossas instituições foram projetadas para isso. Também não é por acidente da natureza que as leis aqui sempre foram mais dóceis com as elites e mais arbitrárias com os mais pobres.

O que parece novo, no entanto, é que a visão republicana, tal como enfatizada pela ministra Cármen Lúcia, vem angariando adeptos dentro das instituições de aplicação da lei.

Embora seja chocante testemunhar um diálogo como o do senador Delcídio do Amaral, com suas

insinuações que atentam contra a integridade do Estado de Direito, bem como seja desalentador tomar conhecimento dos canais que irri-gam com recursos públicos as burras de empresários, até ontem tão distintos, é extremamente encorajador verificar a consistência com que certos setores das instituições de aplicação da lei têm enfrentado bem a tempestade.

Com a trapalhada do senador Delcídio, o Supremo foi obrigado a entrar de forma mais contundente na disputa sobre a natureza que queremos conferir às nossas instituições. Mesmo para os mais céticos é necessário, “entretanto”, como diria Galileu, aceitar que os corpos estão se “movendo”.

(*) Frase latina atribuída a Galileu Galilei em seu julgamento no Tribunal da Inquisição a respeito da teoria sobre a movimentação da terra. Significa “entretanto se move”.

*** Oscar Vilhena Vieira é Professor de direito constitucional da FGV-SP, foi procurador do Estado, em SP, diretor executivo do Ilanud e fundador da Conectas Direitos Humanos.*

Transcrito da Folha de São Paulo



“...o amor é a energia da inclusão ilimitada”

Paramahansa Yogananda





EQUILÍBRIO ENTRE O DIVINO E O HUMANO

*Heloísa Márcia Horta Barbosa**

Somos superiores quando nutrimos nossa vida emocional, nossa espiritualidade e ainda observamos nosso ritmo físico de alimentação, descanso e prática de exercícios regulares. E mais quando buscamos nutrir o intelecto com estudos básicos ou específicos.

Se cultivamos dons ou tendências com entusiasmo descobrimos uma vocação, é o desabrochar de uma grande personalidade. Assisti a um programa na TV que descobriu um pobre menino de apenas 11 anos, apaixonado por violino. Ele apesar de nada ter, morar num barraco miserável conseguiu um violino emprestado no qual estudava sistematicamente.

E fazia belas apresentações no Shopping Center da cidade. Pessoas encantadas com sua dedicação aos estudos da música nesse instrumento, levaram ao conhecimento de quem poderia ajudá-lo. Assim ele foi presenteado com um violino próprio, uma escola

renomada e uma residência nova.

O talento premiado maravilhosamente. Cada qual tem seu sonho e quer se afirmar e se destacar no mundo junto à sociedade e no seu próprio meio. A criança cresce e se desenvolve num ritmo regular e progressivo quando é amado, assistido, educado, controlado e limitado. Só as ervas e flores silvestres crescem aleatoriamente ao sabor dos ventos e da dinâmica de aves e animais circulantes.

A fé, a religião, a disciplina e o amor são responsáveis pela conduta humana. Nesses itens residem a força para o desenvolvimento é a energia propulsora para elevar, builar e formar a personalidade de um homem. O divino e o humano se entrelaçam. O equilíbrio das forças controla essa ascensão.

Crer num ser superior de poder onipotente, faz encarar o desafio, revigorar o espírito e fortalecer a vontade. Não obstante o mundo possa corromper e o mal prevalecer. Muita gente se deixa levar pelo





negativo, por facilidades engana-
doras e desastrosas. Eis o exem-
plo de políticas desorientadas, de
corrupção avassaladoras, governos
mal dirigidos frutos do desamor
ao próximo e a si mesmo. Daí vão
atropelando pessoas, prejudicando
comunidades.

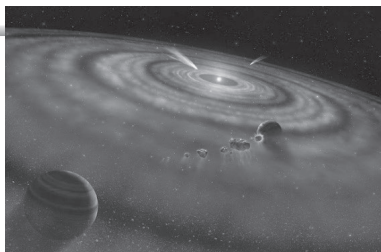
Naturalmente nos orgulhamos
de ser íntegros, honestos, bem quis-
tos e úteis à sociedade. Quaisquer
desvios fogem à lei natural. Ambi-
ção desmedida, ganância ou ex-
cessos não dão satisfação íntima,
nem verdadeira alegria. O instinto
humano é forte e nós queremos
sempre buscar em fontes seguras
para sermos plenificados. Em Deus
encontramos a perfeição, a beleza,
a verdade.

Praticar a moral cristã é preciso.
Servir-se da ética no exercício de
suas funções. Deslumbramo-nos
com a beleza natural da criação.
Nela reverenciamos o criador au-
tor ou origem de tudo e de todos.
Por isso, por causa Dele devemos
manter na ordem povos e nações.
Somos simples canais designados
para agir e controlar os habitantes
desta Terra a nós cedida por algum
tempo. De tão efêmera a existência
toma necessário fazer correções.

Dedicar ao trabalho, estudos e
oração bebendo na fonte de onde
provêm todo bem e toda sabedo-
ria. Desde que fomos privilegiados
ao pertencer a este universo, nossa
presença deverá ser exclusivamen-
te para transformá-lo e torná-lo me-
lhor. Como seria esta intervenção?
Talvez sendo criativos, solidários,
generosos, cativantes, cuidadosos
e amigos da natureza. Ela é nossa
aliada e de onde auferimos ele-
mentos de sobrevivência.

Esta a razão pela qual devemos
nos preocupar em resguardá-la, re-
nová-la a nível de sustentabilidade
do meio ambiente: cursos d'água,
matas ciliares, proteção de nascen-
tes. Mesmo que seja propagando
ideias ou construindo conhecimen-
tos, promovendo boa conscienci-
zação. Nosso potencial intelectual
há de ser explorado e aplicado. Em
tudo permeia o amor, autoestima e
idealismo nobre. Sob os auspícios
da graça de Deus e da misericórdia
divina alçamos voos espetaculares,
alturas inimagináveis rumo a uma
grande felicidade e a recompensa
por todo esforço empreendido.

* *Heloísa Márcia Horta Barbosa*
é Professora e Mefecista
de Barbacena(MG)



***“...mesmo os eventos mais dolo-
rosos e aparentemente sem sentido
podem ser considerados grãos para
o moinho da edificação do espírito
e da cura profunda.”***





Falando de Prosperidade

“Não deseje o que não está dentro de você.” Osho

*Rubens Carvalho**

Quando falamos em prosperidade, imediatamente o “meio externo” inconscientemente nos leva a pensar em abundância, ter dinheiro, um bom trabalho, muitos contatos em redes de relacionamento, possibilidades de crescimento profissional, muitos amigos, ter muito e acumular cada vez mais. Esta é uma crença do inconsciente coletivo de que o valor da vida está na posse de recursos nos seus diversos aspectos, esquecendo-se que o que dá significado a prosperidade é a qualidade da nossa relação entre o ser físico, mental, emocional e espiritual, tem a ver de como equilibramos essa na vivência do cotidiano.

Os conflitos, as “crises” geralmente acontecem por ausência

de equilíbrio, nascendo as chamadas “insatisfações”, “angustias”, “frustrações, dores,...”, por não se conseguir atingir tudo o que se quer – ou ter, cria-se um “vazio existencial” e isso conduza humanidade a ficar cada vez mais distante daquilo que realmente pode torná-la feliz e próspera.

Como sugeriu Platão, o nosso espírito é uma caverna, o que falta ao homem é eternidade. Os indivíduos são seres vazios. Vivem na busca de preencher seu mundo interior com algum entretenimento ou com algum objeto. Todo seu sentido interno se expressa pelo sensível e pelo concreto. Buscam preencher sua interioridade com todo tipo de banalidades. O siste-





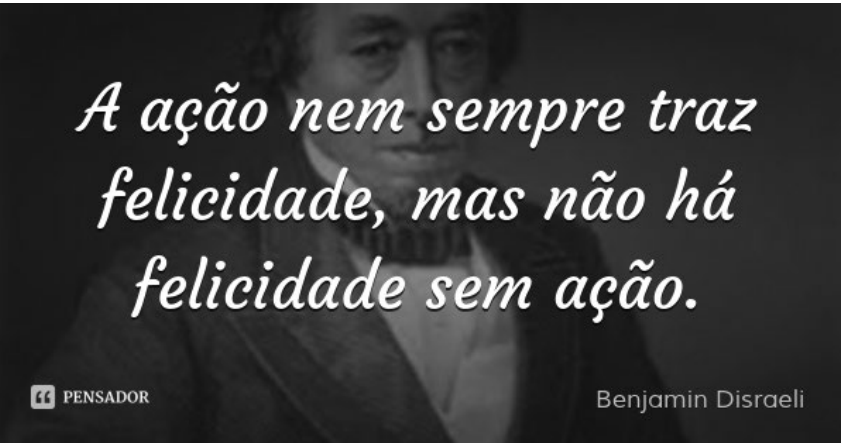
ma capitalista serviu muito bem a esse propósito. Esse sistema ofereceu ao homem um mundo de entretenimentos, prazeres e objetos para que ele possa preencher seu vazio interior. É por isso que o capitalismo sobreviveu, é por isso que ele se perpetuou. Ele impediu que o homem encarasse o vazio desconcomunal de sua interioridade.

A construção da harmonia interna trará todas as conquistas materiais necessárias a cada indivíduo, na presteza da sua dedicação, empenho e ânimo colocados na intenção daquilo que se quer, daquilo que é necessário, respeitando aos outros e os seus limites, criando identidade e equilíbrio em todas as suas relações. Para isso é necessário trabalho, esforço e perseverança, podemos viver tudo isso com leveza e fluidez, sem expressar o tom de luta, de dureza, talvez como uma brincadeira, uma gostosa aventura, algo a ser vivido com alegria e não guerreado no sentido de ser sacrifício.

Seremos capazes de superar qualquer tipo de obstáculo quando conseguirmos nos manter mais harmonizados nos níveis físico, emocional, mental e espiritual, assim tudo tende fluir mais facilmente, até mesmo na vida material. A prosperidade deve surgir na forma de amizades, sabedoria, dinheiro, expressão criativa, boa saúde, relacionamentos amorosos, energia mental e entusiasmo, paz interior, e de infinitas outras formas.

Deepak Chopra, fala sobre o “segredo da abundância ilimitada”, e o que ele nos diz é: busque a consciência de si, expanda a sua autoconsciência, e todo o resto (amizades, criatividade, dinheiro, etc.) virá até você, de maneira espontânea.

Rubens Carvalho é
Advanced Coach Sênior
Membro do colegiado do
CONDIR NORDESTE



*A ação nem sempre traz
felicidade, mas não há
felicidade sem ação.*

 PENSADOR

Benjamin Disraeli





Fé e vida andam juntas

Jorge Leão*

A palavra “espiritualidade” ainda soa, muitas vezes, como algo descolado do contexto social vivido. Por exemplo, é comum ainda ouvirmos: “agora, será a hora da nossa espiritualidade; podemos nos dirigir para a capela ao lado”. Como se oração fosse um momento a parte dos problemas cotidianos que a vida nos apresenta.

Assim como ir à igreja ou reservar um momento para me recolher e ter oportunidade de conversar com Deus, são práticas ainda presentes em nossa caminhada. Tão comum, ao ponto de pensarmos: “agora sim, estou tranquilo”...

Jesus nos dá pistas para desatar o nó entre fé e vida. O seu projeto de vida e libertação traz consigo esse elemento básico que é a coerência entre ação e devoção. Daí a palavra “ora-ção”. Nos últimos momentos do evangelho de Mateus, quando ele admoesta os fariseus sobre a sua máscara de discursos prontos, ou quando diz que temos que, antes de deixar a ofe-

renda no altar, nos reconciliarmos com o próximo, caso tenha acontecido algum conflito. São algumas pistas para reflexão.

São na verdade um alerta para nossos momentos de “reserva com Deus”. Diante da urgentíssima necessidade de uma atuação global no cenário de conflitos vivido, a relação entre fé e vida deve ser o fundamento da nossa caminhada. Não é possível dizer: “sou cristão, mas não me falem em política”, a ponto dessa afirmação servir apenas para alimentar o terreno ideológico da mídia televisiva, que apenas recorre à religião para tratar de particularismos financeiros ou, em sua grande maioria, prometer uma vida melhor depois da morte.

A quem essa promessa de céu póstumo interessa? Justamente aos fabricantes de marketing religioso, que não se cansam de apostar na insegurança e instabilidade emocional de muitas pessoas, vendo agora nas igrejas uma válvula de escape para solução de dívidas e conflitos psicológicos.



Sem que haja envolvimento entre fé e vida, a promessa do reino de Deus e sua justiça fica relegada ao plano dos interesses particulares de uma massa voltada para o imediatismo. Muita farsa então é fabricada em nome da religião. Fazer disso um “big brother” é mais rentável do que nos tornar pessoas eticamente responsáveis com a transformação do mundo injusto em que vivemos.

O modelo econômico capitalista aplaude a separação entre fé e vida, pois ela nos tira do compromisso de

atuarmos conscientemente na política. Enquanto isso, favorecemos que aos domingos se pense em um céu descolado da terra. Por isso, o nosso compromisso de libertação das amarras do desamor nos coloca diante do desafio da não separação de nossa fé, enquanto relação de amor com Deus, e nossa vida, que é a extensão desse amor na partilha de dons na comunidade.

Paz e luz!

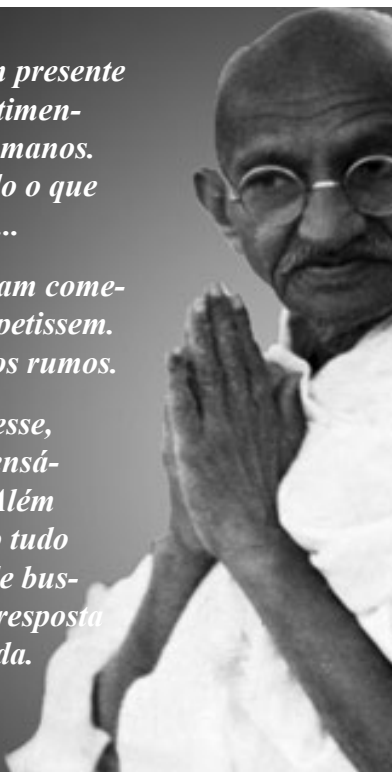
*Jorge Leão é membro do
MFC de São Luís*

*Se eu pudesse deixar algum presente
a você, deixaria acesso ao sentimento
de amar a vida dos seres humanos.
A consciência de aprender tudo o que
foi ensinado pelo tempo afora...*

*Lembraria os erros que foram cometidos
para que não mais se repetissem.
A capacidade de escolher novos rumos.*

*Deixaria para você, se pudesse,
o respeito àquilo que é indispensável:
além do pão, o trabalho. Além do trabalho,
a ação. E quando tudo mais faltasse,
um segredo: o de buscar no interior de si mesmo
a resposta e a força para encontrar a saída.*

Mahatma Gandhi





O PODER DA FRATERNIDADE

Laura Carvalho*

Os ataques em Paris ilustram mais uma vez a questão da distribuição assimétrica do luto público. Os níveis diferenciados de comoção sugerem que a vida de um nigeriano vale menos que a de um sírio, que vale menos que a de um francês... Essa hierarquia, que está tão refletida nas reações da sociedade quanto na atenção conferida pela imprensa internacional, serviu para criar uma onda global de patrulha do luto alheio.

O tema não é novo. Muitos já trataram da seletividade da fraternidade como aquilo que distingue direita e esquerda, identificando os últimos como mais capazes de se comover com o sofrimento dos que estão longe, social ou geograficamente.

Coincidência ou não, o alvo dos terroristas em Paris não foi um local turístico ou um símbolo do poder financeiro ou militar europeu. O

restaurante e a casa de shows estão situados em um bairro frequentado principalmente por parisienses progressistas. Justamente aqueles potencialmente mais propensos à solidariedade com os refugiados sírios e outras populações excluídas.

Nesse sentido, os valores atacados em Paris não parecem ter sido os do imperialismo, do racismo ou da xenofobia, que já cresciam em alguns setores da população francesa e europeia. Tampouco parecem ter sido os da guerra e seus efeitos degradantes no Oriente Médio.

Na verdade, como destacou a filósofa Judith Butler em seu livro "Frames of War", uma das formas de entender a guerra é justamente a partir da divisão das populações entre vidas passíveis de luto e vidas que passam a não ser.

Um ataque que desperta o luto seletivo e o ódio em quem odeia





menos, que estimula desejos de guerra em quem não os tinha, apenas faz crescer o fundamentalismo. De um lado e do outro.

Durante o tiroteio da rua Fontaine-au-Roi, um americano perguntava, como se fossem coisas diferentes: gangsters ou Daesh? Quando interpretou os ataques não mais como um caso de polícia e declarou guerra ao Daesh –nome atribuído ao Estado Islâmico pelos que corretamente se recusam a conferir-lhe status de Estado–, o governo francês pode tê-lo legitimado, concedendo-lhe a grandeza almejada.

Fora fazer disparar os preços das ações do setor de armamento, a utilização de armas de guerra para enfrentar um inimigo intangível pode alimentar um círculo vicioso sem fim, como alertara o ex-ministro das Relações Exteriores da França Dominique de Villepin, em entrevista, em 2014.

O monstro fascista é filho da intolerância e alimenta-se do ódio.

Para derrotá-lo, nenhuma resposta é melhor que as inspiradas naqueles outros valores franceses: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Convencido de que não podem lhe tirar esses valores, o articulista Luc Le Vaillant avisou no jornal “Libération” que, depois de chorar os mortos, recomençaria tudo como antes.

“Sentaremos novamente nos terraços do leste parisiense, nesses bairros mestiços e diversos [...] que são o que temos de melhor. [...] amanhã voltaremos a ouvir rock metal no Bataclan; a comer camarões no Petit Cambodge e a cortar as cabeças das teocracias, assim como cortamos as do absolutismo real que também fazia correr rios de sangue.” A humanidade agradece.

Laura Carvalho é professora do Departamento de Economia da FEA-USP com doutorado na New School for Social Research (NYC).

Transcrito da Folha de São Paulo

“A paz, se possível, mas a verdade a qualquer preço”

Lutero





O que eu tenho a ver com isso

Daniela Arbex*

Nós brasileiros não precisamos ler nenhuma pesquisa de opinião para saber que somos um povo que não sente orgulho pelo seu país. Também não é necessário buscar muitas explicações sobre a descrença generalizada que se abateu sobre a nação verde-amarela, perplexa diante de recorrentes “novos” escândalos, embora sejam todos eles monotemáticos: a corrupção. O assalto aos cofres públicos e a desfaçatez de políticos que deveriam nos representar - porém estão mais preocupados em se beneficiar - nos transformou em uma multidão de indignados. Dulce Critelli, titular do Departamento de Filosofia da PUC de São Paulo, diz que a desconfiança reinante no Brasil é a representação concreta da ideia de que é preciso se defender não só dos outros, mas também de nossos governantes. Seria cômico se não fosse verdadeiramente trágico.

No ano passado, um estudo inédito realizado pela consultoria Brand Analytics no ex-país do futebol - já que não estamos mais com

essa bola toda -, confirmou que 50% dos entrevistados usaram a palavra “desonesto” para descrever a personalidade nacional. Outros 17% apontaram o Japão como seu país preferido, embora eu tenha a certeza de que a maioria nunca esteve lá para saber se um lugar estrangeiro é melhor do que o seu próprio ninho.

Voltando à corrupção, temos, sim, motivos de sobra para estar desencantados. Mas o que me espanta é que a nossa indignação se volta apenas para os grandes golpes que assolam o Brasil. Há um silêncio quase absoluto para a desonestidade praticada, diariamente, por gente como a gente, sem colarinho branco, que sempre encontra uma forma de levar vantagem. No país do jeitinho, embolsar o troco a mais que o funcionário desatento entrega não é visto como um deslize condenável. O desrespeito à fila do banco, do ônibus, do show, do cinema, é outro sinal de comportamento pouco ético, mas quem se importa? Avançar o sinal, atravessar fora da faixa, jogar lixo no chão ou pela janela do carro também são práticas comuns de quem não se





interessa pela coletividade. Isso sem falar nos pequenos subornos e nas “carteiradas” que pessoas que se acham acima das outras praticam debaixo do nosso nariz. O motorista que deseja pagar “um café” ao policial para se ver livre da multa é o mesmo que atropela uma criança e foge sem prestar socorro.

Combater o desmando generalizado que toma conta do Brasil é realmente urgente, mas, se quisermos ter um país melhor, não podemos esquecer que é fundamental fazer a nossa parte. Por que o catador de material reciclável que devolve a carteira com dinheiro é notícia em todos os jornais? Porque a honestidade é vista como virtude e não como uma obrigação de todos e de qualquer um. Enquanto ser hones-

to for exceção e não regra por aqui, nós continuaremos mergulhados em uma crise não só política e econômica, mas de valores. A permanente “sensação de impotência” nos descumbe de agir. É preciso combater a ideia equivocada de que nada temos a ver com isso. Temos, sim.

** Daniela Arbex é Repórter
Transcrito da Tribuna de Minas*

Questões para reflexão:

1. Diante dos escândalos, qual a sua opinião sobre o sentimento de orgulho em relação ao Brasil?
2. Se você concorda que é preciso combater a ideia de que não temos nada a ver com isso, diga o que fazer? Faça o que disser!

SUGESTÕES PARA AVALIAÇÃO INDIVIDUAL OU GRUPAL

Os abastados e os corruptos impunes vivem no conforto e na comodidade, fatores concedidos pela situação. De outra forma, o “POVO DE DEUS” é obrigado a bancar, com muito sofrimento, os planos de expansão de poucos e de corporações.

A religiosidade dos abastados é de uma ESPIRITUALIDADE equivocada, já que pensam que Deus está só do lado deles.

A religiosidade esquizofrênica está onde o cumprimento dos rituais do “templo”, a adoração e a participação das festas são para proveito dos próprios ofertantes, para encobrir “suas falhas morais” e para ocultar a opressão aos justos empobrecidos.

Não explorará o assalariado, necessitado e pobre, seja ele de sua nacionalidade ou um estrangeiro que reside em sua terra. PAGARÁS A ÉLE A CADA DIA O SEU SALÁRIO, SEM DEIXAR QUE O SOL SE PONHA SOBRE ESTA DÍVIDA; PORQUE ELE É POBRE, PARA VIVER, NECESSITA DE SEU SALÁRIO.



INSPIRAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: - Profeta Amós e Vida pastoral nº 307.





OLHE O OUTRO

Rosely Sayão*

A empatia é um caminho para sair do individualismo e melhorar muito as relações sociais

Fui testemunha de uma cena que considerei comovente. Estava esperando uma colega à porta de uma escola, era a hora da saída dos alunos. Mães, pais e crianças deixavam o espaço escolar com diferentes humores e comportamentos.

Quem já teve a oportunidade de assistir a cenas semelhantes sabe que esse pode ser um momento um pouco confuso e barulhento, mas é sempre muito rico para quem gosta de observar a interação entre pais e filhos.

Uma mulher e seu filho, de uns cinco anos mais ou menos, chamou a atenção do meu olhar. Passei a acompanhá-los logo que passaram

por mim. Ela andava um pouco atrás do menino, que estava totalmente focado em algo que levava nas mãos.

De repente, o menino jogou um objeto no chão e continuou a caminhar em direção ao carro que – logo depois percebi – estava bem próximo ao local onde eles e eu estávamos.

Foi o desenrolar desse acontecimento que considerei comovente e, por isso, compartilho com você, caro leitor. Essa mãe olhou bem para o entorno de onde estavam e, em seguida, chamou o filho. O garoto atendeu ao chamado da mãe de imediato e, assim que ele chegou perto dela, vi a mãe se abaixar e conversar com o filho em um tom bem tranquilo.

Eu imaginei que ela fosse mandar o garoto pegar do chão aquilo que ele jogara e colocar no lixo, que





estava próximo. Só essa atitude da mãe, que eu pensei que fosse acontecer, já me surpreenderia porque, vamos convir, essa é uma iniciativa não muito comum de ser observada no espaço público.

Mas essa mãe fez algo bem diferente, como descobri a partir da reação que os dois tiveram em seguida. Depois de uma breve conversa dela com o filho, que eu não pude ouvir, os dois voltaram o olhar para uma servente da escola que limpava as escadas por onde muitos pais saíam com seus filhos. Na sequência, o garoto pegou do chão o que jogara – parecia um pedaço de lápis colorido – e levou até o cesto de lixo. E, calmamente, os dois entraram no carro e foram embora.

Devo confessar que senti uma imensa vontade de caminhar até essa mãe e parabenizá-la pela sua atitude com o filho. Entretanto, tímida que sou, continuei parada onde estava, mas totalmente envolvida em meus pensamentos com o que eu acabara de presenciar.

Não sei as palavras que essa mãe disse ao filho, mas percebi que ela chamou a atenção dele para a servente, uma pessoa que realizava um trabalho que a criança nem notara e que tampouco respeitara ao atirar no chão aquilo que tinha nas mãos. Eu não sei se essa mãe sabe, mas o que ela fez foi tentar despertar no filho aquilo que chamamos de empatia,

Ter empatia significa ser capaz

de se identificar com o que uma outra pessoa sente em determinadas situações, em geral difíceis, que provocam emoções fortes.

Estar aberto para compreender o que se passa com outra pessoa é uma maneira de se colocar disponível para ajudá-la, portanto. E isso sem falar do respeito pelo outro que a empatia provoca.

Sensibilizar o filho para a empatia é parte do que nós chamamos de formação moral. Hoje, não são muitos os pais que se ocupam desse aspecto tão importante da educação dos mais novos, não é verdade?

Na atualidade, a empatia é coisa rara. Estamos muito mais propensos a realizar julgamentos severos sobre outras pessoas do que inclinados a procurar compreendê-las. É que olhamos muito mais para nós mesmos do que para os outros.

A empatia é uma maneira de sair do individualismo e de se abrir para a conexão com os outros. As relações sociais melhoram muito com o desenvolvimento do sentimento de empatia, portanto.

A realidade que temos vivido tem apontado incessantemente para a importância de formarmos crianças e jovens mais sensíveis aos outros. Isso pode tomar a vida deles muito melhor

• Rosely Sayão é psicóloga

Transcrito da Folha de São Paulo





Os refugiados e a Igreja pós-ideológica de Francisco

Massimo Faggioli *

O desconforto dos católicos europeus e italianos diante da hipótese de acolhida de dezenas de milhares de africanos e de habitantes do Oriente Médio não é dada apenas pela crise do “modelo social europeu” e das limitadas capacidades de integração. E um desconforto que decorre da dificuldade de enquadrar ideologicamente esse estrangeiro, no momento em que a Igreja Católica é guiada por um papa claramente pós-ideológico e anti-ideológico (na política como na teologia), como Francisco.

Um dos paradoxos do pontificado de Francisco é que o papa que sucedeu Bento XVI inverteu a orientação vaticana (bem visível ao menos desde a “Nota doutrinal” da Congregação para a Doutrina da Fé “sobre algumas questões relativas à

participação dos católicos e na vida política”, de 2002) a eliminar a ideia da mediação política, confiada a políticos, quando se trata de “aplicar” o magistério social da Igreja à gestão da coisa pública.

A Igreja de Francisco não é anti-política, nem irremediavelmente desencantada em relação à lacuna entre a utopia cristã e a possível distopia do mundo real. Ao mesmo tempo, o Papa Francisco está tentando reduzir (não sem provocar tensões no establishment eclesiástico) o espaço de mediação das incoerências entre Evangelho e Igreja. A queda do véu das mediações entre Igreja e Evangelho é só o ponto de partida da abordagem do Papa Francisco à questão migratória, com o apelo do Angelus do dia 6 de setembro dirigido a paróquias, conventos e casas religiosas na Europa para





acolher uma família de refugiados.

A questão migratória - fruto de uma série de guerras que envolvem muitos países na faixa entre Afeganistão e Líbia, Iêmen e África oriental, África central (sem falar da crise dos refugiados no Sudeste Asiático, entre Malásia, Tailândia, Indonésia e Austrália) - é uma daquelas sobre as quais o catolicismo global deve enfrentar o cerne da relação entre o radicalismo do Evangelho de Jesus e a complexidade das situações políticas, institucionais e demográficas da Igreja em países em que os cristãos são minoria. É um desafio inédito tanto para a Igreja quanto para a Europa.

A situação atual não tem nada a ver com a dispendiosa abertura da Alemanha Ocidental aos "Ossies" depois do colapso do sistema comunista na Europa Oriental. Para permanecer na Alemanha, os 12 milhões de alemães que abalaram a muito jovem e frágil república de Bonn eram alemães étnicos em fuga do comunismo, testemunhas da intrincada teia de cumplicidade da nação alemã (mesmo no período pós-bélico) com os crimes do nazismo na Europa Oriental.

O influxo de judeus em Israel depois de 1945 e, mais tarde, depois do fim da diáspora nos países árabes e a re-emergência de uma cultura antisemita. constituía uma reunificação. Para fazer uma comparação contemporânea. a questão migratória europeia tem pouco a ver com a

questão nos Estados Unidos: em parte porque, desde sempre, os Estados Unidos souberam escolher e filtrar os imigrantes com base nas necessidades do sistema econômico: em parte porque a questão da imigração joga uma luz sobre os Estados Unidos como "nação-Igreja", em que o mercado é a verdadeira religião nacional, e as Igrejas são as mais importantes agências não governamentais que, no passado, apoiaram e integraram as ondas migratórias e hoje pedem em alta voz (a Igreja Católica especialmente) uma immigration reform. Para os estadunidenses, todos descendentes de imigrantes, todo imigrante que tenta é um estadunidense em potencial.

Os milhares que o Papa Francisco pede que a Europa acolha, ao contrário, não permitem nem mesmo uma fugaz identificação. Do ponto de vista ideológico, as guerras na África e no Oriente Médio dificilmente são enquadráveis nas categorias políticas ocidentais - exceto redespertar nos europeus o senso de responsabilidade pelo fracasso daqueles Estados nacionais criados abstratamente entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

Do ponto de vista étnico, esses requerentes de asilo são grupos diferentes entre si, às vezes inimigos entre si.

Do ponto de vista religioso e confessional, os católicos italianos em geral não têm conhecimento algum (e não é culpa da secula-





rização) da proximidade teológica que os aproxima aos cristãos orientais, percebidos como uma variante do Islã por causa da cultura árabe comum.

Esses são os pobres da terra, que nenhum cálculo político ou ideológico torna exploráveis, mas, ao contrário, só um custo. Nesse sentido, as tomadas de distância de alguns bispos italianos e o silêncio de quase todos os outros dizem muito sobre o desconforto da Igreja Católica diante do Papa Francisco.

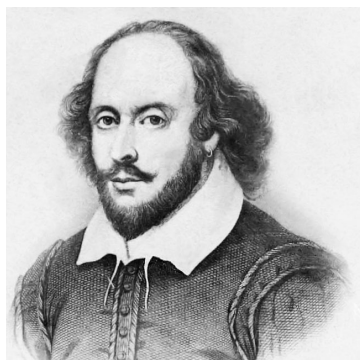
A indicação do sucesso ou do fracasso da conversão da Igreja de Francisco será medida nos próximos meses sobre a capacidade de acolhida do estrangeiro em todos os sentidos - nacional, ideológico, étnico, religioso - e é provavelmente um dos critérios evangélicamente mais adequados para medir o caráter cristão de uma Igreja e de uma sociedade.

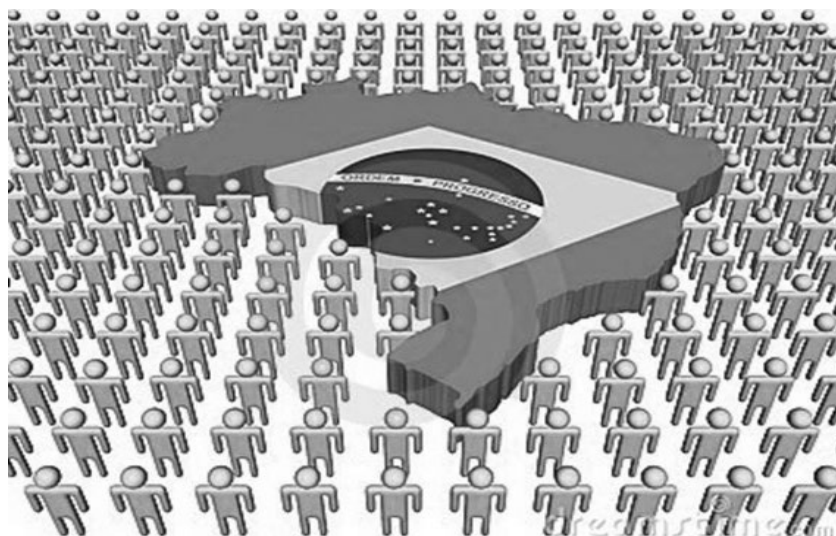
O desconforto dos católicos europeus e italianos diante da hipótese de acolhida de dezenas de milhares de africanos e de habitantes do Oriente Médio em fuga da violência dos conflitos armados ou da pobreza causado por eles não é dada apenas pela crise do “modelo social europeu” e das limitadas capacidades de integração.

É um desconforto que decorre da dificuldade de enquadrar ideologicamente esse estrangeiro, no momento em que a Igreja Católica não é mais a coluna ideológica do Ocidente, mas, ao contrário, é guiada por um papa claramente pós-ideológico e anti-ideológico (na política como na teologia), como Francisco.

** Massimo Faggioli é Historiador italiano, professor de história do cristianismo da University of St. Thomas, em Minnesota, EUA.
Transcrito do Boletim Rede*

“Sempre me sinto feliz, sabes por quê? Porque não espero nada de ninguém. Esperar sempre doi, os problemas não são eternos, sempre têm solução. O único que não se resolve é a morte. A vida é curta, por isso, ame-a! Viva intensamente e recorde: Antes de falar... escute! Antes de escrever... pense! Antes de criticar... examine! Antes de ferir... sinta! Antes de orar... perdoe! Antes de gastar... ganhe! Antes de render... tente de novo! Antes de morrer... viva!”





Por um Congresso com a cara do povo

Emir Sader*

Nos sistemas políticos representativos, os cargos executivos representam a maioria da população. Os legislativos deveriam representar as distintas posições em suas devidas proporções, espelhando a diversidade - social, política, cultural - da sociedade.

No entanto, não há nada mais oposto à cara da sociedade brasileira do que a composição dos parlamentos, a todos os níveis. E como se os congressos fossem a sociedade invertida: há muito mais parlamentares representando o agronegócio do que as trabalhadores rurais enquanto que, na re-

alidade do campo, são milhões de trabalhadores trabalhando a terra por um lado e um punhado de donos de agronegócio por outro.

Acontece que, entre a realidade concreta e essa representação invertida intervém o poder do dinheiro, produzindo todas essas distorções. Se os grandes temas discutidos pelo Congresso fossem debatidos e definidos pela sociedade realmente existente, frequentemente as resoluções seriam o oposto do que os parlamentares decidem.

O financiamento privado de campanha elegeu, até aqui, não bancadas de partidos, mas de empresas que os financiam, os conhecidos lobbies: do agronegócio, da educação privada, da mídia, da





bala, da vaca, dos evangélicos, dos planos privados de saúde, etc., etc. O financiamento é um investimento, que tem como retomo o apoio aos interesses dos que financiaram os parlamentares. É na verdade uma compra do mandato deles pelo dinheiro que os financia. Torna aberrantemente a vida política parlamentar um negócio.

É o neoliberalismo invadindo a política. A concepção de que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra, tudo é mercadoria. Então parlamentares e partidos inteiros são reduzidos a mercadorias, com -pradas, vendidas, reduzindo a isso o que deveria ser a vontade popular.

Dados mostram que os parlamentares que mais foram financiados pelas grandes empresas, são os mais votados. Que um total de menos de 10 grandes empresas são responsáveis pela eleição da maioria dos parlamentares.

A retirada dos financiamentos empresariais pode representar a verdadeira possibilidade de se eleger Congressos com a cara do povo e não das suas elites. Deve haver um rígido controle - talvez levado a cabo pela OAB - das campanhas, mas a possibilidade de uma disputa menos desigual é real. Menos desigual, porque a mídia seguirá sendo um instrumento de promoção das candidaturas conservadoras, mas as escandalosas campanhas recheadas de grana, com outdoors, cartazes, cabos eleitorais, etc., etc..

Mas será necessário também uma mudança de atitude dos movimentos populares em relação à luta política. A influência liberal levou à exaltação da "sociedade civil" e ao desprezo pela política, pelos partidos, pelos governos - típica das ONGs. Mas como a via insurrecional atualmente é inviável, porque a correlação de forças levaria a um massacre dos movimentos populares que se aventurassem por essa via, a alternativa para realizar as profundas transformações necessárias para democratizar radicalmente a nossa sociedade passa pela democratização do Estado e da política. Provavelmente até mesmo da refundação do Estado mas, de qualquer maneira, evitar retrocessos e avançar, requer uma maioria popular, de esquerda, no Congresso.

Para isso, é preciso eleger bancadas que representem diretamente o movimento popular, por exemplo, da educação pública, da saúde pública, dos setores do movimento sindical - metalúrgicos, bancários e tantos outros. Traduzir a maioria social em maioria parlamentar. Só quando a esquerda conseguir maioria no Congresso, poderá se desvencilhar de aliados incômodos e poderá realizar seu programa político.

O fim dos financiamentos empresariais é uma grande oportunidade para realizar isso.

** Emir Sader é Sociólogo.
Transcrito do Boletim Rede*





Rafaela Perensin*

Redigi as últimas páginas do meu livro, “A face inversa dO Amor”, recentemente, e essa conclusão me inseriu em uma reflexão acerca da rara exploração atual da imaginação. A verdade é que ela está sofrendo um genocídio que a leva à extinção, visto que a imaginação é um mundo inacessível aos estáticos.

Quantos livros você tem lido ultimamente? Quantas horas tem consumido assistindo à televisão? O contraste desta comparação demonstra em que linhas essa geração está sendo pautada. Geração que emerge cada vez mais na banalidade e aceita a opinião alheia como suprema, chegando até mesmo a defendê-la sem ao menos compreender o porquê daquela conclusão, pelo simples fator “comodidade”. Afinal, é mais fácil concordar do que refletir. Até quando o ser humano vai desprezar a si mesmo por limitar sua capacidade reflexiva?

Obviamente, a direção dessas palavras não é a recriminação dos recursos audiovisuais, afinal, o extremismo é o atalho para a derrocada. A real direção pela qual desejo

conduzi-lo é entre palavras, frases e textos - um universo particular de especulações, moldado pela criatividade, que nos torna capazes de transpor barreiras entre o real e o imaginário, dando vida àquele sopro de pensamento habitante no nosso subconsciente.

A liberdade de idealizar um personagem, suas feições, o tom de sua voz ou até mesmo seu aroma; a reflexão resultante da afinidade com as palavras de um cronista; o conhecimento adquirido em um material didático; as conclusões particulares obtidas pela leitura de um jornal: essas são algumas das sensações destinadas exclusivamente aos que reconhecem a fundamental importância da leitura.

Caso você tenha se identificado com alguma das situações supracitadas, é provável que assimilará as entrelinhas deste texto e conseguirá tirar proveito dele. Por outro lado, se não tiver notado nenhuma afinidade com elas, minhas palavras serão meras junções de letras produtoras de fonemas, sem serventia.

A imaginação clama por reconhecimento em um mundo surdo. Não permita que essa “onda” de





surdez o contamine. Escreva o que pensa, leia o que te inspira! Consuma as palavras e seja consumido por elas. Não permita que a rotina destrua sua voz e limite sua audição. Afinal, quanto mais houver inércia literária, mais portas serão

fechadas sem que ao menos as pessoas notem que um dia elas se abriram.

**Rafaela Perensin é Estudante*

Transcrito da Tribuna de Minas

70 ANOS DE SEBÁ

70 anos de Sebá
O sol despertou,
O passarinho me contou,
Sebá completando 70 anos.
Bem vividos com amor.

Destes 70 anos,
25 agradecemos,
Pela nossa amizade,
Que só foi crescendo.

Exemplo de vida!
Desprendida!
Torna o “seu tempo”
Infinito.

Tem tempo para tudo
Família, amigos
MFC, projetos,
Lazer
E ainda procura o que fazer.

Dedica-se a trabalhos manuais,
E o que aparecer,
Pra servir?
Não precisa nem saber,
Quem acolher.

Basta só dizer,
Estou precisando...
Logo ela vai cuidando,
E jeito dando.

Ao necessitado?
Oferecer o que tem.
E vai mais além,

Pois, já presenciei.
A partilha com alguém.

Pessoa de coração,
E pensamento,
Voltado pra causa de Jesus,
Sofre com os sofredores,
Está sempre em ação.

Diz que é medrosa,
Mais de medo,
Não tem nada.
Enfrenta cada desafio...
E sai vitoriosa.

É um pouco de Sebá,
Tenho mais pra declarar,
Mas se você a conhece,
Deste não vai precisar.

Na vida de cada um irmão,
Tem uma importância,
Uma marca,
Na minha família então...

Sebá, felicidades!
Amiga,
Irmã,

Nós a amamos,
Você presente de Deus.
Nós agradecemos.

Parabéns pelos 70 anos!
Carminha MFC – MA
20/01/2016





*Rosiska Darcy de Oliveira**

O que estará em questão na Europa é a vitalidade das duas forças que sustentam o Ocidente: o Cristianismo e os direitos humanos

A trágica semana em que o corpo de um menino sírio, como um dejetos, veio dar à praia na Turquia, em que multidões atravessaram a pé a Hungria, fugindo da guerra, e foram resgatados nos carros de austríacos e recebidos em Munique pelos alemães com água, comida, flores e abraços, essa semana em que o Êxodo recriou-se em chão europeu entrará para a história do continente como um momento maior de re-

firmação dos valores da civilização ocidental.

O que estará em questão doravante é a vitalidade das duas grandes forças morais que sustentam o Ocidente, uma, religiosa, o Cristianismo, outra laica, os direitos humanos nascidos da Revolução Francesa.

Não foi um acaso se o Papa que se atribuiu o nome de Francisco, na viagem inaugural de seu Pontificado, desembarcou na Ilha de Lampedusa, no extremo sul da Itália, o porto seguro tão almejado por milhares de emigrantes vindos da África. Percebera o imenso questionamento ético que a tragédia da imigração





coloca ao mundo cristão. É o mundo cristão, cujas virtudes são a fé, a esperança e a caridade, que vai recusar pão, chão e um teto aos que já não têm pátria e deixá-los morrer de sede ou afogados em mar escuro?

Francisco entendera que chegara a hora da verdade, que as levas de miseráveis negros vinham morrer nas praias brancas e que esse estado de coisas, por mais complexo e desafiador que fosse — e quão complexo todos sabemos que é — não permitia mais a indiferença como escapatória, nem os muros, arames farpados e policiais truculentos como solução. Fosse o Papa brasileiro, teria bradado como Castro Alves, no “Navio Negreiro”, “Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me vós, senhor Deus, se é loucura ou se é verdade tanto horror perante os céus”.

Enquanto o primeiro-ministro da Hungria ataçava sua polícia contra a multidão de refugiados sírios, fugitivos não da miséria e sim da guerra e da escravidão, confinando-os em campos de concentração, invocando a defesa da civilização cristã que estaria, segundo ele, sendo invadida por muçulmanos, o Papa Francisco, na missa de domingo, exortou todas as paróquias e mosteiros da Europa a que acolhessem uma família de refugiados e anunciou que começaria pela sua, abrindo as fronteiras do Vaticano. Quem fala pelo mundo cristão é ele, o único líder global de que dispomos hoje, não um político obscuro e facistóide que não enxerga um palmo além das suas fronteiras.

Francisco demonstra entender que quem está naufragando é a cristandade e, por palavras e obras, se empenha em salvá-la, trazendo seus fundamentos para a vida real. Ele sabe que a civilização não sairia incólume da rejeição aos refugiados. Sabe o quanto custou à Igreja Católica o silêncio cúmplice do Vaticano frente ao extermínio dos judeus pelo nazismo.

Angela Merkel conhece bem os muros que separam os seres humanos. Ela vem da Alemanha do Leste, viveu a cicatriz que por tantos anos desfigurou a nação alemã.

Abriu a fronteira aos refugiados sírios que nada tinham a seu favor, além de coragem e determinação, nenhum direito senão o direito de asilo, inspirado nos direitos humanos, essa joia que a humanidade lapidou e que nos arrancou da condição animal quando passamos a chamar de crueldade a destruição do mais fraco que a seleção natural acata. Quando sentimos compaixão diante do sofrimento do outro, mesmo longínquo ou estrangeiro, e isso nos move e comove.

Merkel afirmou o fato moral que obriga à solidariedade. Conhece bem o peso dos crimes hediondos que a Alemanha cometeu no passado e tratou de não repeti-los. Disse ao seu povo, “a partir de hoje a Alemanha é um outro país”. E é. Uma pesquisa de opinião registrou que 96% dos alemães, muitos dentre eles filhos de fugitivos de outros exílios impostos pela Segunda Guer-





ra Mundial, aprovam a acolhida aos refugiados.

Os alemães não ignoram as dificuldades práticas que essa acolhida representa. A beleza do gesto de solidariedade está em primeiro afirmar a necessidade do socorro e, então, por todos os meios buscar as soluções para prestá-lo. É essa a tradição humanista.

A Europa, fulcro da civilização ocidental, hoje sofre ataques terroristas em seu próprio território. Nenhum deles é mais perigoso do que

a autodestruição de seus fundamentos morais, a negação de seus mitos fundadores. “Somos uma Europa de valores”, disse Merkel. É imprescindível que outros países sigam seu exemplo.

É certo que a Europa mudará com a chegada de milhões de refugiados, mas é mais certo ainda que a civilização ocidental que merece ser preservada é essa, a de Angela e Francisco.

* Rosiska Darcy de Oliveira é Escritora

Mensagem sobre pais e filhos

*E uma mulher, que segurava um bebê no colo, disse:
Fala-nos dos Filhos. E ele disse:
Vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos e as
filhas do desejo da Vida por si mesma.
Eles vêm através de vós, mas não de vós.
E apesar de estarem convosco, não pertencem a vós.
Podeis dar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos.
Porque eles têm seus próprios pensamentos.
Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas.
Pois suas almas vivem na cada casa do amanhã, a qual vós não podeis visitar,
nem mesmo em vossos sonhos.
Podeis esforçar-vos em ser como eles, mas não tentai fazê-los como vós.
Pois a vida não volta para trás, nem permanece no dia de ontem.
Sois os arcos dos quais seus filhos, como flechas vivas, são arremessados.
O arqueiro vê o alvo no caminho do infinito, e Ele vos dobra com o Seu poder
para que Suas flechas possam ir longe e velozes.
Deixai que o Arqueiro vos curve com alegria;
Pois assim como Ele ama a flecha que voa, Ele também ama o arco que é
estável.*



Trecho de “O Profeta” de Khalil Gibran





SIMBIOSE INDUSTRIAL

Edgard Xavier*

É inegável que a população mundial cresce, hoje é estimada em 7,3 bilhões de pessoas e estima-se que em 2030 sejamos 8,5 bilhões, consumindo e produzindo, entretanto, o planeta terra permanece o mesmo em dimensões e recursos, isso, por si só, nos deixa muito claro que existe um limite e não podemos ter processos produtivos e consumo sem levar em conta a sustentabilidade, fazer essas avaliações na atualidade passa a ser condição de um desenvolvimento sustentável que atenda às necessidades do presente sem comprometer as gerações futuras.

Existe, na maioria das empresas, uma consciência crescente dos desafios e das oportunidades associadas ao tema sustentabilidade e muitos empresários e gestores procuram entender os respectivos impactos nos próprios modelos de negócios. As certezas são ainda poucas sobre as melhores soluções para muitos problemas que se colocam. Mas é clara

a necessidade de avaliar os riscos da mais variada ordem que surgem associados a temas como as alterações climáticas, a eficiência energética, a preservação dos ecossistemas ou o desenvolvimento social. A integração dos fatores ambientais e sociais, aliados aos fatores econômicos nos processos de decisão e nos modelos de gestão, afirma-se como uma condição necessária para poder continuar a criar valor e garantir a viabilidade das empresas e da sociedade de que elas fazem parte. O tema Desenvolvimento Sustentável está em todas as agendas e o desafio que as empresas aceitaram confirma-se, dia após dia, ser da maior importância. E, por isso, indispensável desenvolver competências, mobilizar pessoas e promover a incorporação das melhores práticas nos processos das empresas.

O conceito de Simbiose Industrial pode ajudar na redação dos resíduos provenientes dos setores industriais, residencial e demais atividades, onde os resíduos e subpro-



duto produzidos por uma indústria são utilizados como matéria prima por outra indústria em seu processo produtivo. A relação simbiótica vem sendo adotada, com sucesso, em vários países do mundo como um instrumento para promoção do desenvolvimento sustentável e não se limita apenas a troca de resíduos, mas também de conhecimentos e aptidões, de logística, de serviços, de energia e água.

Kalundborg, na Dinamarca, é o exemplo de Simbiose Industrial mais antigo e comentado que teve seu início em 1972 e desenvolveu-se espontaneamente ao longo de várias décadas. Hoje são 12 projetos de reciclagem de água, 6 projetos de troca de energia e 8 de reciclagem de resíduos, além do projeto ordenador: The Symbiosis Institute, cujas pesquisas e métodos servem como referência mundial.

Outro exemplo de Simbiose Industrial envolvendo comunidade é o das Ilhas Fiji - Monfort Boys Town - Integrated Biosystem um país insular localizado no sul do Oceano Pacífico com uma população de menos de um milhão de habitantes, um verdadeiro paraíso de águas claras e recifes de corais, ideal para mergulhos e um grande atrativo para o turismo. Esse projeto de “biosistema integrado”, pois envolve tanto a indústria como a agricultura, contou com o apoio da Universidade das Nações Unidas (UNU), teve por objetivo principal, reaproveitar os resíduos de uma cervejaria que, destinados ao mar, causavam crescentes prejuízos

destruindo os recifes de corais das proximidades. O subproduto da cervejaria passou a ser utilizado como substrato para o desenvolvimento de cogumelos. Por sua vez o descarte da produção de cogumelos passou a ser usado como alimentos de alto valor nutritivo para a criação de porcos. Os subprodutos orgânicos gerados pelos porcos são processados em um biodigestor anaeróbico, que, além de gás metano usado na geração de energia térmica, gera um subproduto rico em nutrientes que alimentam tanto a criação de algas como de peixes. Estes, por sua vez, geram uma corrente rica em nutrientes para adubação de solo destinado à agricultura.

O Desenvolvimento Sustentável foi alcançado satisfazendo as necessidades humanas, agregando qualidade de vida, e ao mesmo tempo reduzindo os impactos ecológicos e a demanda por recursos, através do ciclo de vida. a um nível suportado pela capacidade estimada de fornecimento do planeta.

Muitos recursos disponíveis hoje são desperdiçados, mas o Brasil tem muito a oferecer nesse desenho estratégico de desenvolvimento sustentável, unindo empreariado responsável e instituições de pesquisa. A tentativa é ambos entenderem que os resíduos podem oportunizar melhorias como a redução dos custos de produção e dos impactos ambientais, além de gerar novas receitas.

** Edgard Xavier é Engenheiro.*





Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Formação

Continuando o programa, estamos encaminhando o texto abaixo abordando o item 2.2 da programação.

Nossa preocupação é que os textos que estão sendo propostos para estudo e reflexão, tanto nas equipes-base quanto em eventos locais de formação, sejam compreendidos por todos.

SE VOCÊ, SUA EQUIPE-BASE OU COORDENAÇÃO ESTÁ ENCONTRANDO ALGUMA DIFICULDADE EM TRABALHAR OS REFERIDOS TEXTOS, POR FAVOR, ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO E-MAIL ABAIXO PARA QUE POSSAMOS, DE ALGUMA FORMA, AUXILIÁ-LOS NA SUA INTERPRETAÇÃO.

Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico abaixo. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

2º BLOCO TEMÁTICO - LIBERDADE

2º Módulo :

ENTENDENDO A LIBERDADE COMO UM COMPROMISSO ÉTICO.

SER LIVRE É SER SERVO. ESTA É A ESSÊNCIA DA VERDADEIRA LIBERDADE

1- ORAÇÃO INICIAL

Oração-poema de Dom Helder Câmara, rezada ao final da Missa dos Quilombos.

Mariama, Nossa Senhora, Mãe de Cristo e Mãe dos homens! Mariama, Mãe dos homens de todas as raças,

De todas as cores, de todos os cantos da Terra.

Pede ao teu Filho que esta festa não termine aqui.

A marcha final vai ser linda de viver.

Mas é importante, Mariama, que a Igreja de teu Filho não fique em palavra, não fique em aplauso.

Não basta pedir perdão pelos erros de ontem.

É preciso acertar o passo hoje, sem ligar ao que disserem.

Claro que dirão; Mariama, que é política, que é subversão, que é comunismo.

É Evangelho de Cristo, Mariama.

Mariama, Mãe querida!

Problema de negro acaba se ligando com todos os grandes problemas humanos,

com todos os absurdos contra a humanidade, com todas as injustiças e opressões.

Mariama, que se acabe, mas se acabe mesmo a maldita fabricação de armas:

o mundo precisa fabricar é Paz.

Basta de injustiça: de uns sem saber o que fazer com tanta terra e milhões sem um palmo de terra onde morar.

Basta de uns tendo de vomitar pra poder comer mais e 50 milhões morrendo de fome num ano só.

Basta de uns com empresas se derramando pelo mundo todo e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia.



Mariama, Nossa Senhora,

Mãe querida, nem precisa ir tão longe, como no teu hino:

nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias e os pobres de mãos cheias.

Nem pobre nem rico!

Nada de escravo de hoje ser senhor de escravos amanhã: basta de escravos!

Um mundo sem senhor e sem escravos,

Um mundo de irmãos!

De irmãos não só de nome e de mentira.

De irmãos de verdade, Mariama

2- INTRODUÇÃO

Temos a impressão de que as realidades vividas pelas pessoas em todo local são as mesmas, enquanto, de fato, não o são. Mas dentro de realidades diferentes o ser humano está sempre em busca da liberdade. Mas que Liberdade é esta que tanto almejamos? Vamos refletir sobre esse assunto a luz do evangelho.

2.1 – LIBERDADE DO CRISTÃO

Fala-se muito sobre a liberdade, e nós do MFC queremos refletir sobre a liberdade cristã. Muitas vezes, vemos sérios desvios de conduta e éticos serem cometidos por nós cristãos, com a alegação de que somos livres em Cristo para fazer o que bem entendemos. Com frequência também ouvimos dizer que o cristão não deve envolver-se em prazeres e alegrias deste mundo, mesmo que esses prazeres sejam legítimos.

Afinal, o que a Palavra de Deus nos ensina sobre esse assunto tão importante?

Há limites para a liberdade cristã ou ela é algo completamente solta no ar, isenta de parâmetros?

Se esses limites existem, quais são eles?

O que o cristão pode e o que não pode fazer?

Quais são as atitudes legítimas que o cristão pode e deve tomar?

E quais são as atitudes ilegítimas?

2.2- O RELIGIOSO, O PROFANO E O REINO DE DEUS

É muito comum vermos as pessoas fazendo

distinção entre o religioso e o profano. Essa divisão traz consequências seríssimas para a vida cristã.

O pensamento mais difundido e aceito sobre esse assunto é que dizem que o religioso está associado aquilo que se chama de vida espiritual (louvor, culto, igreja, etc.), enquanto o profano está associado à vida secular (trabalho, finanças, escola, etc...) e estes estão fora do círculo espiritual e fora de tudo o que a Palavra de Deus ensina sobre conduta cristã.

Isso é um erro gravíssimo. A vida cristã não é composta de vários compartimentos isolados. Tanto o que se chama de vida espiritual quanto o que se chama de vida secular (profano), são alvos da graça de Deus.

Não existe vida profana para o cristão. A vida cristã é a vida inteira, com todas as suas dimensões. “E tudo o que fizerdes, seja em palavras, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.” (Col 3.17).

Na vida do cristão não existe lugar para atividade profanas. Tudo tem que ser santo. É oportuno lembrar que é na vida diária que o cristão tem que prestar a Deus o seu culto racional ou integral (Rm 12.1-2; Tg 1.19-27). Quando o culto a Deus não é a expressão de uma vida inteira ao seu serviço, ele é tão falso quanto qualquer culto idólatra. (Is 1.1-17 - Repare que no v. 10 o profeta chama os príncipes de Judá de príncipes de Sodoma). Toda a vida humana e todos os seus relacionamentos pessoais, sociais e cósmicos (com o cosmos, que é o mundo) estão relacionados entre si e formam a vida integral cristã, que em todas as coisas reconhece o senhorio do Senhor Jesus Cristo.

2.3 - LIBERDADE E ÉTICA

Liberdade! Palavra mágica que traz consigo um modo de vida, uma maneira de viver desejado por: pessoas, famílias, grupos religiosos, e nações. Liberdade é um dom de Deus para todos os seres vivos. Não podemos ter uma experiência de vida com Deus e com o próximo, se a liberdade for suprimida da nossa convivência do dia a dia. Não há desenvolvimento sadio sem liberdade, assim como não há vida que valha a pena sem liberdade. A vontade de





Deus é que todos sejam livres.

Com liberdade podemos ter atitudes éticas, questão absolutamente humana. Só se pode falar em ética quando se fala em humano, porque somos livres para escolher. Não podemos falar de ética para quem está sendo escravizado ou para os animais porque eles não são livres para escolher. A ética exige uma atitude de decisão, implica na possibilidade de opção. Por isso não é possível falar em ética sem falar em liberdade.

3 – LEITURA BIBLICA

Carta de São Paulo aos Gálatas - A vida segundo o Espírito

13- Irmãos, vocês foram chamados para serem livres. Que esta liberdade, porém, não se torne desculpas para vocês viverem satisfazendo os instintos egoístas. Pelo contrario disponham-se a serviço uns dos outros através do amor.

14- Pois toda a Lei encontra a sua plenitude num só mandamento: "Ame o seu próximo como a si mesmo".

15- Mas, se vocês se mordem e se devoram uns aos outros, tomem cuidado! Vocês vão acabar destruído-se mutuamente.

16- Por isso é que lhes digo: vivam segundo o Espírito, e assim não farão mais o que os instintos egoístas desejam.

17- Porque os instintos egoístas têm desejos que estão contra o Espírito e o Espírito contra os instintos egoístas; os dois estão em conflitos, de modo que vocês não fazem o que querem.

18- Mas se forem conduzidos pelo Espírito, vocês não estarão mais submetidos a Lei.

19- Além disso, as obras dos instintos egoístas são bem conhecidas: fornicação, impureza, libertinagem,

20- idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúme, ira, divisão, sectarismo,

21- inveja, bebedeira, orgias e outras coisas semelhantes. Repito o que já disse: os que fazem tais coisas não herdarão o Reino de Deus.

22- Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé, mansidão e domínio de si.

3.1 - Reflexão sobre a carta de São Paulo aos Gálatas.

Podemos identificar na nossa sociedade alguns destes instintos egoístas?

Qual reformulação propõe Dom Helder para nossa sociedade na sua oração para que ela tenha a paz e seja livre?

3.2- Considerações para serem refletidas

Neste modulo convido todas as equipes do MFC a refletirem, pensar, conversar e discutir sobre duas palavras de suma importância na nossa profissão de fé religiosa: **LIBERDADE E ÉTICA**.

A "liberdade" é o objeto de desejo da humanidade pós-moderna. Fala-se muito em liberdade de expressão, liberdade de imprensa, na família, no vestir, liberdade sexual, pública, religiosa, política, econômica, social, liberdade, liberdade... Todos querem ser livres, e esta busca é algo inerente a todo ser humano. Então, surgem algumas perguntas que merecem reflexão: se muitos são capazes de conflitar e morrer em busca da "liberdade".

1- O que é, de fato "liberdade"?

2- O que significa ser livre?

3- Qual o conceito de "liberdade" predominante na sociedade contemporânea?

4- A liberdade da mídia e da economia está tornando as pessoas mais livres e felizes?

Vamos destacar três palavras essenciais para se entender a liberdade genuína: vontade, livre e servo. Pedro descreve a existência de dois tipos de pessoas: de um lado, os insensatos que ignoram o bem, e de outro, os sábios que praticam o bem. De um lado, os escravos de sua própria vontade e, de outro, os servos de Deus. Todos são servos, todos dizem ser livres, mas apenas o segundo grupo desfruta realmente da liberdade genuína.

Desta forma, existem dois tipos de liberdade: a verdadeira e a falsa. A verdadeira liberdade implica em submeter à vontade de Deus, servi-lo de todo coração e entendimento. A falsa liberdade é a rejeição do senhorio de Cristo para servir a própria vontade, os desejos e as ambições humanas. [Jr. 17:9; 12:2; Mc 7:6,21; Gn 6:5; Rm 3:12; Jr 13:23].





Certamente, permitir que as vontades, desejos e ambições humanas norteiem as ações, atitudes e decisões é escravidão, trata-se de uma falsa liberdade que conduz a destruição. O apóstolo Paulo, em sua epístola aos gálatas, afirma: “para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, ao jugo de escravidão” Gl 5.1.

Enfim, pode parecer uma afirmação paradoxal, mas, “ser livre não é ser senhor, mas ser servo”. A busca da liberdade genuína inicia quando decidimos quem pretendemos servir, e esta decisão determinará que tipo de liberdade desfrutaremos, a espúria liberdade que é escravidão, ou a genuína liberdade. Para o apóstolo Pedro só se pode ser verdadeiramente livre sendo servo de Deus, ou seja, a vontade humana submetendo à vontade divina. Diante disso, pode-se afirmar que há dois tipos de servos: o servo das paixões carnis e o servo de Deus. Quanto mais se permite ser conduzido pela vontade de Deus, mais liberdade se tem, e quanto mais se procura satisfazer a própria vontade mais escravizado se torna. Logo, sejamos sábios e não insensatos, sirvamos a Deus e nos submetamos à vontade do nosso Senhor para podermos desfrutar de uma liberdade autêntica e lúdica

(Pe. Sergio Dario, Th.M)

“Segundo a Bíblia, a liberdade é mais do que uma qualidade, um atributo de ser humano: é a própria razão de ser de humanidade.” E a afirmação de Paulo de Tarso, “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou (Gal 5,1)” pode ser visto como o mote que guiou a sua obra. Esta busca de liberdade, que impulsiona a luta pela libertação, não pode ser confundida com uma visão moderna burguesa da liberdade. “Não é livre aquele que diz que faz o que quer, mas, na realidade, não sabe resistir à pressão dos desejos, tomando-se escravo dos objetos que excitam o seu desejo.” Nestes casos, a liberdade pressupõe a libertação dos desejos individuais e a sua realização no assumir o serviço e a causa em favor dos mais pobres. (Jung Mo Sung)

Pergunta para o grupo: Que tipo de liberdade vocês estão vivendo? Cristã ou dos desejos pessoais?

ORAÇÃO FINAL

Oração para liberdade (Miguel Ruiz)

Criador do Universo, hoje pedimos-te que compartilhes conosco uma forte comunhão de amor. Sabemos que teu verdadeiro nome é Amor, que comungar contigo significa compartilhar tua mesma vibração, tua mesma frequência, porque tu és o único que existe no Universo.

Hoje pedimos-te que nos ajudes a ser como tu, a amar a vida, a ser vida, a ser amor.

Ajuda-nos a amar como tu, sem condições, sem expectativas, sem obrigações, sem julgamentos.

Ajuda-nos a amar-nos e aceitar-nos a nós mesmos sem nos julgar, porque quando nos julgamos, nos achamos culpados e precisamos ser castigados.

Ajuda-nos a amar todas as criações de um modo incondicional, em especial os seres humanos, e sobretudo as pessoas que nos rodeiam: a nossos familiares e a todos aqueles que nos esforçamos tanto por amar.

Porque quando os recusamos, recusamos a nós mesmos, e quando recusamos a nós mesmos, recusamos a ti.

Ajuda-nos a amar aos demais tal como são, sem condições. Ajuda-nos a aceitá-los como são, sem julgá-los, porque se os julgamos, os achamos culpados e sentimos a necessidade de castigá-los.

Limpa hoje nosso coração de todo veneno emocional, libera nossa mente de todo julgamento para que possamos viver numa paz e um amor absolutos

Hoje é um dia muito especial. Hoje abrimos nosso coração para amar de novo e para dizer-nos os uns aos outros: «Amo-te», sem nenhum medo, para valer.

Hoje oferecemo-nos a ti. Vem a nós, utiliza nossa voz, nossos olhos, nossas mãos e nosso coração para compartilhar a comunhão do amor com todos.

Hoje, Criador, ajuda-nos a ser como tu. Obrigado por tudo o que recebemos no dia de hoje, em especial pela liberdade de ser quem realmente somos.







*Hóspedes e hospedeiros,
peregrinos somos.*

*Começou quando o Senhor
nos fez para encher a Terra e
dominá-la, terminará
quando nos apresentarmos
para as nupcias do Cordeiro
na Cidade Santa, que com
Ele teremos construído.*





«O M. F. C. conta com vocês!»
Este chamado põe-nos a caminho. De todas as partes acontecerão famílias peregrinas e missionárias que, como nós, ouviram este chamado. O convite para um Encontro.

Alguns dias de ausência do nosso lar, da nossa terra, impõem-se. Alguns dias de viagem. De hospedagem. De Encontro e de vida comunitária. E depois, a volta ao nosso lar. Com uma bagagem de conhecimento, de ação e de vida que se deverá tornar uma fonte para todos os que de nós se aproximarem. Para todos os que Deus fizer bater à nossa porta.

«O M. F. C. conta com vocês!»

A caminho!...





*O Senhor
é meu pastor,
nada me falta.*





A Igreja ama os peregrinos, os que viajam. Ela mesma é uma Igreja peregrina. Igreja que caminha para o lugar do seu repouso: a Casa do Pai!

O peregrino reflete a face desta Igreja viajante. Sobre ele, ela se curva, no momento da partida, grava-lhe no coração a esperança do retorno, envolve-o com os mesmos sentimentos que a animam enquanto peregrina.

«Oh! Deus que guardou, em todas as etapas de sua peregrinação, a seu servo Abraão proveniente de Ur, da Caldéia, guarda-nos também a nós, seus servos. Seja para nós, Senhor, na peleja, auxílio; conforto no caminho; sombra no estio; abriga-nos na chuva e no frio. Carrega-nos quando nos cansarmos; na adversidade proteja-nos; ampara-nos ao tropeçarmos; no naufrágio, seja nosso porto. Por Você conduzidos, cheguemos sem novidades à meta de nossa viagem e, incólumes, retornemos ao nosso lar.»

Assim nos abençoe a Igreja ao tomarmos o trem ou o avião, o ônibus ou o vapor para uma viagem.

Assim equipados é que nos pomos a caminho. . .





*Em verdes prados
ele me faz deitar
Conduz-me
às águas refrescantes.*





Eis-nos nesta grande cidade desconhecida. Sentimo-nos como em exílio. A muda frieza dos grandes edifícios fala-nos dos corações dos homens, fechados ao nosso. Homens passam sem nos verem.

..

Mas este céu azul e esta natureza bela e acolhedora lembram-nos que a cidade fria dos homens está circunscrita pela cidade de Deus. O céu que agasalha esta cidade desconhecida é nosso, porque é de Deus.

E esses homens que passam por nós, indiferentes, frios, sem nos perceberem, esses homens são nossos irmãos, porque também filhos de Deus.

*«Tudo é de vocês;
vocês, porém, são de Cristo
e o Cristo é de Deus».
(I Cor. III, 23)*

Não haverá, então, alguém, que nos abra o coração num grande abraço? Que nos chame por nosso nome?

Não haverá alguém que nos receba?





*Prepare para mim
a mesa...
Unja de óleo
minha cabeça
A minha taça transborda.*





Um sorriso franco e acolhedor. A casa aberta, agasalhadora, como os corações de seus moradores. Um lar quer nos hospedar:

«A casa é de vocês. De vocês é este lar!»

Entramos. Aqui vamos viver, alguns dias, no aconchego da vida desta família. Seremos um deles. Conheceremos a intimidade e a doçura dessa vida em comum, onde os pais, cercados de uma coroa de filhos, sentem a força e o encanto da unidade:

«Que eles sejam um, ó Pai, como somos um!

Seremos um deles. Seremos mais que um deles. Seremos, no meio deles, a presença do grande e eterno Hóspede. Desse que veio hospedar-se, um dia, no meio dos homens — «e o Verbo se fez carne e habitou entre nós» — e que não mais nos deixou:

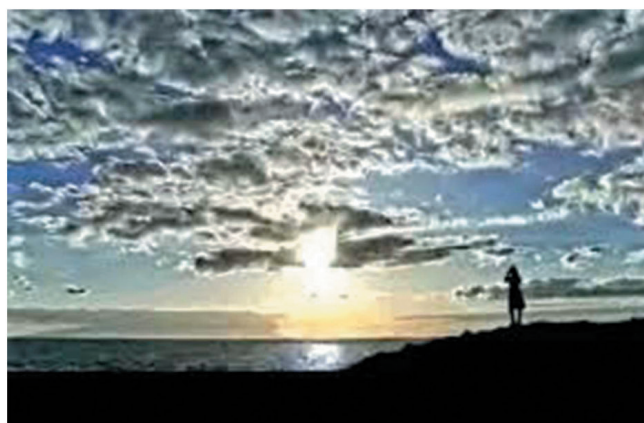




*«Vou e voltarei a vocês. .. e estarei
com vocês, todos os dias, até a
consumação
dos séculos».*

*Somos portadores desta Presença.
. Senhor, reflete em nós a Sua Face.
Torna-nos diáfanos à Sua Presença para
que, sob nossos traços, estes que nos
hospedam Lhe reconheçam, Senhor! .*





*Graça e misericórdia
hão de seguir-me
Por todos os dias
da minha vida.
E habitarei
na casa do Senhor
Na amplidão dos tempos*





A casa está pronta. Aberta, acolhedora. Senhor, que vem na pessoa dos hóspedes, aqui está a nossa casa para que se torne o lugar do Seu repouso.

Sua presença nos iluminará, Senhor!

Nós Lhe daremos a nossa intimidade de família, a doçura e o encanto de nossa vida na unidade. Nós Lhe daremos do nosso pão e do nosso vinho, como da nossa sopa que fumeja. Senta conosco à mesa, Senhor, na pessoa dos hóspedes que acolhemos. Nós Lhe esperamos aqui, como hóspede, para a refeição, como há pouco Lhe esperávamos, à Mesa do Altar, como nosso Pão. Aqui e lá Você Se apresenta velado. Nossa fé, porém, Lhe reconheceu e nosso coração Lhe recebe.

«Vem iniciar conosco, Senhor, na nossa tenda, aquela Ceia que desabrochará, um dia, no Banquete da Eterna Vida».

«Já anoitece. Fica conosco, Senhor!»





Mas, esses dias de convivência em família são um aspecto apenas — o mais belo, talvez — do nosso Encontro.

Há mais.

O nosso Encontro conta conosco. Pede nossa contribuição, nossa experiência, nossa inteligência no mistério do Matrimônio Cristão. Pede que coloquemos tudo isto em comum, nas reuniões, como patrimônio de todo o M. F. C. Viemos colocar nossa vida ao uso de todos esses outros lares.

Viemos receber deles idêntica entrega, entrega de dons idênticos aos nossos — talvez maiores, quem sabe? — para nosso próprio enriquecimento. Para que possamos levar deste Encontro um fogo que se deverá propagar.

Viemos descobrir na vida familiar uma forma de santidade. Um caminho, entre tantos outros que levam à Casa do Pai.





Vimos descobrir a forma própria de sermos santos. A nossa escola de santidade. O nosso lugar no Reino. Nesta Igreja peregrina que caminha para a eterna vida de família, lá na Casa do Pai.

